



**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA**

**SOELMA COSTA DA FONSECA LIMA**

**E MARIA VAI COM AS OUTRAS: UMA ABORDAGEM  
FEMINISTA SOBRE AS MULHERES NA IGREJA.**

São Leopoldo  
2011

SOELMA COSTA DA FONSECA LIMA

**E MARIA VAI COM AS OUTRAS: UMA ABORDAGEM  
FEMINISTA SOBRE AS MULHERES NA IGREJA.**

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Teologia Escola Superior de Teologia.

Programa de Pós-Graduação.

Área de concentração: Leitura e Ensino da Bíblia.

São Leopoldo  
2011

SOELMA COSTA DA FONSECA LIMA

**E MARIA VAI COM AS OUTRAS: UMA ABORDAGEM  
FEMINISTA SOBRE AS MULHERES NA IGREJA.**

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Teologia Escola Superior de Teologia.

Programa de Pós-Graduação.

Área de concentração: Leitura e Ensino da Bíblia.

Data: 26 de Abril de 2011

Prof.<sup>a</sup> Doutora Márcia Paixão

---

Prof.<sup>a</sup>

---

## **AGRADECIMENTO**

A Deus por me revelar o seu maravilhoso SER e me fazer conhecer a sua Palavra de Vida Eterna.

A Deus pelo dom da vida e da sabedoria que me faz aproximar da sua infinita bondade e misericórdia.

A meus pais, irmãos, irmãs, esposo e filhos, que a mim proporcionaram a experiência da ternura e do vigor no aconchego familiar.

Aos meus irmãos e irmãs que encontrei no caminho da vida e que me ensinaram a amar e ser amada.

A minha orientadora Márcia Paixão, pela dedicação e competência.

Aos meus amigos e professores.

À Faculdade EST por toda oportunidade e crescimento profissional.

A todas as Pastoras que ousaram subverter a lógica sexista da Igreja, e com sua dedicação e amor ao Reino de Deus, não desistiram dos seus sonhos, lutaram com garra para chegar aonde chegaram a fim de desenvolverem seus Ministérios em meio ao androcentrismo.

A todos e todas que crêem e entendem que Deus nos chama a trabalhar em sua obra sem distinção de sexo.

A Deus todo o meu louvor. AMÉM!

*Dedico este trabalho a Deus por ser sempre essa luz e inspiração superior em minha existência e a minha amada família por seu apoio e compreensão.*

*Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*

*Gal. 3.28*

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe fazer um estudo analítico a respeito das relações de gênero que acontecem no espaço religioso da Igreja. A base do estudo parte da interpretação feminista em diálogo com as ações das mulheres líderes nas Igrejas hoje.

A luta da mulher no âmbito eclesial não tem por objetivo destruir tradições. O compromisso dos movimentos feministas é por fim à dominação masculina e à estrutura patriarcal. Com isso, acredita-se que haverá uma conquista de direitos sem, contudo assumir o espaço dos homens.

Estes escritos também se propõem a levantar reflexões sobre o direito da mulher ao pastorado, tomando por base a personagem bíblica Maria Madalena. É um fenômeno assustador para a cultura androcêntrica, o sacerdócio feminino, pois o mesmo tem se expandido a cada dia e com autoridade até que seja quebrado esse paradigma machista de que a mulher não pode ser linha de frente no âmbito eclesial.

Haverá também um diálogo ressignificando o conceito de amor e a busca pela dignificação do Eu, a partir de Levinas.

**Palavras-chave:** Pastorado Feminino; Ordenação; Gênero; Sexismo; Androcêntrico; Liderança; Feminismo.

## ABSTRACT

This research proposes to make an analytical study about gender relations that happen in the religious space of the church. The base portion of the study of feminist interpretation in dialogue with the actions of women leaders in churches today.

The struggle of women in the Church does not aim to destroy traditions. The commitment of the feminist movement is an end to male domination and patriarchal structure. Thus, it is believed that there will be an achievement of rights but without taking the space of men.

These writings also propose to raise discussions on the right of women to the priesthood, based on the biblical Mary Magdalene. It is a scary phenomenon to the androcentric culture, the ordination of women, as it has been expanding every day and with the authority until it is broken that paradigm sexist that a woman can not be the frontline in the Church.

There will also be a dialogue redefines the concept of love and the search for the dignity of self, from Levinas.

**Keywords:** Female pastorate; Ordering; Gender, Sexism, androcentric, Leadership, Feminism.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 A MULHER E A IGUALDADE: UMA DISCUSSÃO DA TEOLOGIA FEMINISTA</b> .....	10
1.1 METODOLOGIA FEMINISTA .....	19
1.1.1 HERMENÊUTICA FEMINISTA .....	22
1.1.2 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS: CLASSE E GÊNERO .....	24
1.1.3 REVENDO CONCEITOS A PARTIR DA CULTURA .....	25
1.1.4 FRONTEIRAS ENTRE O POPULAR E O ACADÊMICO .....	26
1.1.5 A SOCIALIZAÇÃO PATRIARCAL DO SAGRADO E A HEGEMONIA DOS SÍMBOLOS MASCULINOS.....	27
1.1.6 CORPOREIDADE E ESPIRITUALIDADE .....	30
1.1.7 EXPERIÊNCIAS E TRANSCENDÊNCIA .....	33
<b>2 O PASTORADO FEMININO NOS TEMPOS DE JESUS: A ERA APOSTÓLICA COM ÊNFASE EM MARIA MADALENA.....</b>	<b>37</b>
2.1 A MULHER NA ERA APOSTÓLICA.....	40
2.2 MARIA MADALENA: UM EXEMPLO A SER SEGUIDO.....	45
<b>3 O AMOR: UMA PRÁTICA INCLUSIVA</b> .....	<b>54</b>
3.1 DIGNIDADE HUMANA.....	56
3.1.1 HOMEM E MULHER LÍDERES E SERES PENSANTES .....	58
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho dissertativo é contribuir para uma conscientização sobre a importância da mulher no Ministério da igreja e mostrar seu empenho ao longo da história e explicitar suas experiências de liderança.

A partir das experiências obtidas pelas mulheres percebe-se uma nova consciência que leva-nos a tomarmos uma atitude em relação ao nosso chamado, tentando mostrar para a sociedade sexista, suas idéias equivocadas e engessadas em relação ao Ministério Pastoral Feminino.

Este trabalho também está inserido numa proposta de discussão e reflexão da teologia feminista, com a tentativa de contribuir para uma transformação da cultura androcêntrica, bem como da Igreja Patriarcal reavaliando as suas ideias em relação à mulher e à ordenação ao Ministério Pastoral Feminino.

Percebe-se que a mulher no pastorado já alcançou alguns espaços, contudo o lugar ainda é restrito no campo social e religioso. O reconhecimento almejado ainda é um caminho a ser percorrido pelas mulheres.

Nesse sentido, busca-se pesquisar as várias experiências e caminhos percorridos pela mulher, na luta pelo reconhecimento e dignificação a partir de exemplos bíblicos e do feminismo.

No primeiro capítulo, situar-se-á a discussão teológica feminista, apresentando seus conceitos e implicações. Apóio-me em Ivone Gebara e em Wanda Deifelt para fazer a reflexão da teologia feminista em diálogo com meu objeto de pesquisa. A metodologia feminista fará o contraponto para as análises do tema.

No segundo capítulo será discutido a Liderança Feminina nos evangelhos, através de exemplo de mulheres, com enfoque em Maria Madalena.

No terceiro capítulo a ênfase recairá no diálogo com a ética de alteridade com foco em Levinas ressignificando o conceito de amor, mostrando que este deve ser entendido a partir da responsabilidade que se assume em relação à outra ao outro à próxima e ao próximo.

Em suma, este trabalho tem a intenção de abordar o lugar da mulher na Igreja e na sociedade a partir da proposta da hermenêutica feminista.

## 1 A MULHER E A IGUALDADE: UMA DISSCUSSÃO DA TEOLOGIA FEMINISTA

É imprescindível, antes das opiniões que serão apresentadas, que se conceitue gênero, uma vez que este é reconhecido como sendo uma categoria de análise e se apresenta com o objetivo de se referir ao feminino e masculino diferentemente daquilo que comumente se entende por sexo. <sup>1</sup>

Os estudos intercedidos pela categoria de gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber, visando a desnaturalização de processos que são socialmente construídos em detrimento da mulher. <sup>1</sup>

Ivone Gebara<sup>2</sup> ao falar sobre a dominação masculina classifica androcentrismo como a centralidade do poder masculino e sexíssimo como a atitude de discriminação em relação ao sexo feminino. Feminismo é um movimento que repudia toda e qualquer exclusão, enfatizando que a dominação masculina (que mantém a cultura androcêntrica e sexista) necessita ser superada. Dessa forma, o feminismo busca relações de igualdade entre homens e mulheres, mulheres com mulheres e homens com homens.

Ao recordar a trajetória da mulher e a opressão vivida pela mesma, percebe-se a sua resistência em lutas por novas relações na História. Esta “*memória perigosa*” vem sendo discutida há muito tempo e vale salientar que tal aspecto não difere do ambiente eclesial. Alberto Yamabuchi confirma essa repressão sobre as mulheres no âmbito eclesial:

*As principais expressões que definiam a condição feminina no contexto da tradição da Igreja cristã: silêncio, sujeição, transgressão (pecado). A mulher era considerada inferior ao homem, mas o seu pecado – o de ter sido enganada na Queda (Gênesis 3) – acrescentava-lhe outro grande peso: o de possuir uma malignidade maior do que o homem. Assim, o mal na mulher estava em seu ser, portanto, um mal naturalizado. Desse modo, os homens foram associados a tudo o que é sagrado, divino, enquanto as mulheres foram consideradas participantes do seu oposto, qual seja do carnal, profano<sup>3</sup>.*

<sup>1</sup> MUSSKOPF, André S; STROHER, Marga J. **Corporeidade, etnia e masculinidade**. Reflexões do I congresso Latino Americano de Gênero e religião. São Leopoldo, Sinodal, 2005, 64

<sup>2</sup> GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio – Uma Fenomenologia Feminista do Mal**. Petrópolis, Vozes, 2000, 261p

<sup>3</sup> YAMABUCHI, Alberto Kenji. **Uma Voz Paradoxal**: A visibilização do conflito de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos oitenta através do livro Centelha em Restolho Seco de Betty Antunes de Oliveira. São Paulo 2008 pág. 2. Disponível em <http://www.metodista.br/ppc/netmal-in->

Vale destacar, que enquanto categoria de análise, Gênero teria o proveito de propor uma transformação dos paradigmas do conhecimento tradicional, não apenas acrescentando novos temas, mas também exigindo “um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente”<sup>4</sup>.

*Muitos daqueles que escrevem a história das mulheres consideram-se envolvidos em um esforço altamente político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade para mudar o modo como a história é escrita. E grande parte da história das mulheres, mesmo quando opera com conceito de gênero, está voltada para as preocupações contemporâneas da política feminista... Mais do que postular uma simples correlação, precisamos pensar sobre este campo como um estudo dinâmico na política da produção de conhecimento.*<sup>5</sup>

A argumentação de Dantas,<sup>6</sup> a respeito de sexo se refere ao fator biológico de que a espécie humana é uma das que se reproduz mediante a diferenciação sexual; ao passo que gênero guarda relação com os significados que cada sociedade atribuía tal fato, que, indiscutivelmente diz respeito a todos indistintamente. Segundo o autor Gênero é o “conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual anátomo-fisiológica e que dão sentido, em geral, às relações entre pessoas sexuadas” como assevera a socióloga feminista Barbieri<sup>7</sup>.

Scott ao evidenciar o termo gênero pela primeira vez, em meados do séc. XX, “significando o [...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”<sup>8</sup>, Percebe-se que o cerne dessa definição está embasado numa ligação integral entre o ser constitutivo de relações sociais além de uma maneira de significar relações de poder, assim sendo, gênero nada mais é do que uma elaboração histórico sócio cultural, não somente teórica também prática, cuja hegemonia da dominação masculina em detrimento da feminina se mostra clara e evidente nas mínimas facetas do cotidiano sobre os corpos e sobre a mente; tanto de homens quanto de mulheres. Tal relação segundo Fagundes se dá quando se atribui como lugar e papel da mulher.

---

revista/netmal02/uma-voz-paradoxal-a-visibilizacao-do-conflito-de-genero-e-poder-na-convencao-batista-brasileira-dos-anos-oitenta-atraves-do-livro-centelha-em-restolho-seco-de-betty-antunes-de-oliveira#id40. Acessado em agosto de 2010.

<sup>4</sup> SCOTT, **Gênero**: 2, vol.16. 1990, p. 6.

<sup>5</sup> DANTAS, Maria das Graças. **O ministério das mulheres**. Monografia de Bacharelado, Feira de Santana, 2008, p. 26

<sup>6</sup> FREITAS apud DANTAS, 2008, p. 31.

<sup>7</sup> BARBIERI apud DANTAS, 2008, p. 35.

<sup>8</sup> SCOTT apud DANTAS, 2008, p. 39.

*... O interior, escuro, fechado e privado o cuidar do lar e dos filhos, bem como a dependência “homens de sua família” o ser companheira do homem, a pureza, e docilidade, em contrapartida, o homem é associado ao exterior, claro, aberto e público e espera-se dele a virilidade, racionalidade, a força, o controle, o enaltecimento de seu trabalho, sua profissão, a produção, sucessos, aventuras, conquistas, o ser provedor da vida e do destino da família, além do controle das emoções, tidas como sinônimo de fragilidade<sup>9</sup>.*

Gebara diz que apesar do avanço em termos de estudos, pode-se afirmar que o assunto está longe de ser encerrado, assim compreende-se que gênero é um produto social aprendido, institucionalizado e transmitido de geração a geração. A autora apresenta a questão do mal que é vivido e reproduzido pelas instituições e estruturas culturais que o sustentam, sem ter consciência que sua ação reflete no cotidiano das pessoas sem ser chamado de mal.

Esse mal se traduz na dominação majoritária masculina, que facilmente são percebidos nas relações de gênero, onde não somente os homens são sustentadores deste sistema androcêntrica, mas também as próprias mulheres o reproduzem por ser uma questão que já está internalizada e, portanto não se apercebem destes tipos de violência simbólica, física e moral que vigoram desde há muito tempo na sociedade.

Conforme Scott<sup>10</sup> gênero é uma categoria de análise que se refere à construção e organização social da relação entre os sexos e que confere papéis sociais adequados aos homens e às mulheres. Fazer uma análise de gênero permite estudar a crítica à dominação masculina cuja maior expressão histórico-cultural é o sistema do patriarcado. Teóricas feministas explicam que a necessidade masculina de dominar as mulheres está ligada ao “desejo dos homens de transcender sua privação dos meios de reprodução da espécie”.

De acordo com Gebara, há a possibilidade do medo do poder feminino no campo das relações entre homens e mulheres<sup>11</sup>. Ela enfatiza que esse medo pode se manifestar numa espécie de aversão.

---

<sup>9</sup> FAGUNDES apud ROSSINHOLLI, Dinamar Reis. **A mulher fazendo Teologia**. Monografia de Bacharelado. Feira de Santana, 2007, p.11.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

<sup>11</sup> SCOTT,

[http://coletivofeminista.blogspot.com/2008/03/feminismo\\_dilemas\\_velhos\\_e\\_novos\\_uma.html](http://coletivofeminista.blogspot.com/2008/03/feminismo_dilemas_velhos_e_novos_uma.html) 2002.

Há uma suspeita que as manipulações do poder masculino no campo religioso, através dos discursos, práticas e interpretação da Bíblia, referem-se a esse medo dos homens de se submeterem à liderança das mulheres na comunidade cristã. Por exemplo, a interpretação fundamentalista das seguintes recomendações do apóstolo Paulo para a Igreja do século I serviu e ainda serve de base para essa disposição contra as mulheres no campo do poder religioso.

*A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição.  
Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.  
Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.  
E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.  
Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade na santificação.<sup>12</sup> (I TM 2:11-15)*

No texto de Paulo a Timóteo, encontramos as principais expressões que definem a condição feminina no contexto da tradição da Igreja Cristão: silêncio, sujeição, transgressão (pecado). A mulher era considerada inferior ao homem, mas o seu pecado, o de ter sido enganada na queda (Gênesis 3) acrescentava-lhe outro grande peso: o de possuir uma malignidade maior do que o homem.

Assim, o mal na mulher estava em seu ser, como um mal naturalizado, ou seja, canal do profano; ao passo que o homem era associado a tudo o que é sagrado e divino.

Diante do exposto, constata-se a razão das resistências e oposições ao acesso da mulher aos lugares privilegiados de poder na igreja. Mas o ingresso a esses espaços, não deve inquietar as mesma, ter acesso ao Reino de Deus é a motivação prioritária. Visivelmente, sua salvação espiritual só poderia ocorrer pela experiência da maternidade, o que acaba reforçando ainda mais a sua dependência do homem. Em tudo isso, percebe-se uma hierarquização dos sexos, cujo fenômeno vai ser deslocado do âmbito religioso para o da natureza através de um processo de naturalização e da história da condição da mulher.

As tradições religiosas possibilitaram uma concentração dos segredos, domínio e mistérios da fé nas mãos dos homens. “Com isto, a comunidade de iguais,

---

<sup>12</sup> **Bíblia do Estudo do Evangelista**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2002.

que é a casa de Deus, é apagada para dar passagem a uma comunidade hierárquica”.<sup>13</sup>. Gebara confirma essa afirmação:

*Quando nasce uma mulher, ela já nasce com esta etiqueta: Você é mulher. Você foi feita para limpar e passar. E quando nasce um homem se diz: você vai trabalhar e ter poder sobre as mulheres. Então muitas vezes é difícil trabalhar com os homens [...] acho que também é difícil para eles. Eles foram criados desta maneira e estão habituados a ter poder sobre os outros.*<sup>14</sup>

Fiorenza<sup>15</sup> aprofunda o tema assegurando que é fundamental a reconstrução da história das mulheres no Cristianismo primitivo para que haja a reconstituição das origens Cristã às mulheres.

A reconstrução da história Cristã primitiva, com uma visão mais aprofundada nas experiências femininas, fez-se pertinente por tornar mais visível à existência de mulheres em diversos espaços; exercendo vários papéis no dia-a-dia das igrejas primitivas.

Com este mesmo olhar também e notável discursos pautados no literalismo dos textos bíblicos para justificar a submissão feminina e como a sua exclusão do exercício da função pastoral.

Scott<sup>16</sup> no texto “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”, trata o alcance do gênero como categoria de análise nas diferentes Sociedades e período, dos papéis sexuais e do Simbolismo sexual, ressaltando que seu funcionamento produzia sentido à manutenção e à mudança da Ordem Social. A utilização do conceito de gênero exige a valorização das experiências femininas e também das masculinas; trazendo o vínculo entre a história do passado e as práticas atuais. O mesmo conceito serve para designar um aspecto relacional, considerando que “O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens” sem esferas separadas, rejeitando o determinismo biológico como justificativa para práticas de subordinação indicando as construções sociais sobre os papéis adequados às mulheres e aos homens.

Segundo Scott, o gênero pode incluir o sexo, mas, não é diretamente determinado por ele e nem determina diretamente a sexualidade.

<sup>13</sup> TAMEZ apud OSDOL, Judite van. **As mulheres e a graça**. São Leopoldo, Quito: Clai, 2008, p. 58.

<sup>14</sup> GEBARA, 2000, p. 106.

<sup>15</sup> FIOREZA, Elisabeth Schissler. **As Origens Cristãs a Partir da Mulher: Uma Nova Hermenêutica**. São Paulo, SP: Paulinas, 1992, 400p.

<sup>16</sup> SCOTT apud DANTAS, 2008, p. 50.

Scott apresenta o conceito de gênero pautado em dois pontos principais: A primeira suposição assegura que o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; a segunda afirma que gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Na primeira parte o gênero enquanto elemento constituinte das relações sociais é dividida em quatro elementos, que são sub-partes, e não podem ser operados separadamente dos dois grandes pontos que compõem a definição de gênero descrita acima.

O primeiro afirma que os símbolos ficam difusos na cultura e evocam representações simbólicas, a exemplo de Eva e Maria como símbolos de mulher. O segundo são conceitos normativos que evidenciam a interpretação do sentido dos símbolos; estes conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas; assumem forma típica de uma oposição binária, que afirma de forma categórica o sentido masculino e feminino. O terceiro elemento está vinculado à organização política como uma referência às instituições e a organização social. O quarto aspecto caracteriza-se pela identidade subjetiva.

Destaca-se a segunda parte da definição de gênero que conclui que este é o início para conceituar as relações de poder que é um campo por meio do qual o poder é articulado.

Tratando-se ainda da segunda definição, vale expor o pensamento de alguns teóricos, visando com isso uma melhor compreensão. Na visão de Rossinholli<sup>17</sup> a forma de leitura dos textos quando constrói um sentido, é um processo historicamente determinado, cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, lugares e comunidades.

É importante assinalar que o feminismo se ampara destas discussões sobre gênero e a sua produção teórica surge em resposta a um movimento social. Logo, estas elaborações são produzidas nas lutas, as quais têm muito do engajamento político nestas reflexões e vice-versa. Tal engajamento tem por fim fazer com que as mulheres tomem consciência de si mesmas, de sua condição na história, de sua invisibilidade e opressão e se unam em resistência e protesto. Freitas reforça muito bem que:

---

<sup>17</sup> CHARTIER apud ROSSINHOLLI, 2007, p. 18.



*...a partir do século XIX a luta das mulheres ganha força nos países industrializados e assume características de um movimento mais amplo e organizado, que vai atingindo todas as esferas da vida humano-social, dando origem a um corpo teórico, bem como a uma estratégia e uma tática de luta das mulheres, e que passa a ser conhecido como movimento feminista<sup>18</sup>.*

São passos decisivos e importantes galgados por mulheres corajosas que decidem não mais serem co-participantes nem sustentadoras do sistema de governo misógino da sociedade em que vivem. Dessa forma, muitas mulheres que abraçaram o movimento e soergueram a bandeira do feminismo, romperam com longo silêncio que as amordaçavam, bradaram e ainda hoje protestam contra as regalias dos homens ao longo da história, ao passo que a experiência feminina era e é esquecida e menosprezada, por conta do poder centralizado nas mãos de homens.

Cabe ressaltar que o movimento feminista ao longo destes anos não permaneceu estagnado, contrariamente, como diria Martha Narvaz e Silvia Koller<sup>19</sup>: "O feminismo vem problematizando a si mesmo ao longo dos tempos, desde as doutrinas do feminismo original, em permanente (des) construção" de modo que pode-se observar diferentes movimentos feministas além das diferentes gerações e fases do feminismo que em termos gerais ficaram conhecidas como ondas do feminismo.

Todas estas faces e interfaces do feminismo têm seu tom de grito e desabafo, partindo da sua luta na conquista dos direitos civis que tem seu clímax em meados do século XX; culminando na Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU em 1948, seguida pela Declaração sobre a discriminação da mulher em 1967, sendo esta, a então chamada primeira onda do feminismo.

Vale enfatizar que o movimento sufragista oriundo da Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha teve uma colaboração ímpar, no começo do movimento feminista, onde afloravam as denúncias contra opressão da mulher imposta pelo patriarcado. Dentro desta primeira onda podem-se encontrar várias correntes de pensamento religioso feminista dos quais duas vertentes se sobressaem:

---

<sup>18</sup>FREITAS, apud DANTAS, 2008, p.53

<sup>19</sup> NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política.** p 4.  
Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>. Acessado em agosto de 2010.

A vertente *não cristã* que se subdivide em duas correntes, a primeira a que se autodenomina pós-cristã onde as feministas que integram este grupo buscam novos espaços e caminhos para a experiência com o Transcendente a partir da sua condição de mulher. É por isso que fazem teologia e não teologia; e a segunda, assim chamada de religião da deusa que visa trazer de volta a religião deusa por entender que é a que melhor se aplica ao feminismo. Destaca-se que tanto a primeira quanto a segunda corrente acham ser impossível haver uma mudança das estruturas androcêntricas e patriarcais na qual se manifesta o cristianismo, e desta feita, rompem definitivamente com o cristianismo.

Em contra partida, a *vertente cristã da teologia feminista* se subdivide em três fases: a primeira delas vai de meados século XIX até os primórdios do século XX quando ocorre a Primeira Convenção Americana pelos Direitos da Mulher, aqui acontece um marco na história, quando Stanton<sup>20</sup> dirige um trabalho ímpar de releitura e interpretação de passagens da Bíblia referentes à mulher à luz da nova consciência de si mesma surgindo daí a *Woman's Bible* (Bíblia da Mulher). Ela aponta o caráter androcêntrico da Bíblia para provar que os seus textos misoginistas não são a palavra de Deus, mas de varões.

A segunda fase é caracterizada dentre outras coisas, pela polêmica em torno da questão do acesso da mulher à educação teológica e sua Ordenação ao Ministério Pastoral. A terceira fase se reporta ao que corresponde ao neofeminismo (1960-1980), quando houve uma sistematização da produção feminista, a qual se consolida em nível internacional.

A segunda onda do feminismo ganha força entre 1969 e 1970 e se desenvolve principalmente nos Estados Unidos e França. As americanas apontavam a opressão masculina, além de buscarem a igualdade dos sexos. Já as francesas, ressaltam a precisão de se concentrar justamente nas diferenças peculiares de cada sexo, porém, acentuando a singularidade feminina, surgindo assim, a partir de tais posicionamentos, o feminismo da igualdade que enfatiza a igualdade dos sexos e o feminismo da diferença que alhures, sobressai as diferenças e a alteridade respectivamente como postulam Narvaz e Koller<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> STANTON apud DANTAS, 2008, p. 56.

<sup>21</sup> NARVAZ e KOLLER, p 5. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>. Acessado em agosto de 2010.

Para Fraisse “a questão filosófico-epistemológica da igualdade-diferença sobrepõem-se a questão política, sugerindo que diferentes subjetividades, masculinas e femininas, mesmo não sendo idênticas, podem ser iguais, no sentido de serem equivalentes”<sup>22</sup>.

Por fim, a terceira fase do feminismo não só focaliza a análise das diferenças como também busca examinar a alteridade, pluralidade e a produção discursiva da subjetividade. Isso significa que o objeto de estudo não mais se centraliza sobre as mulheres ou a discussão biológica, mas se detém ao estudo das relações de gênero onde se espera refletir ao mesmo tempo a igualdade e a diferença na formação das subjetividades masculina e feminina.

Percebe-se que nesta terceira fase há uma intensa transversalidade entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados nas universidades núcleos de estudos sobre a mulher, estudos de gênero e feminismos<sup>23</sup>, inclusive no Brasil.

Em relação ao Brasil, enfatiza-se que os movimentos feministas dos séculos XIX e XX iniciam com mulheres com situação financeira estabilizada e abastada. Suely Costa<sup>24</sup> vai dizer que estes movimentos “... propõem pautas de lutas sociais por igualdade em relação aos homens, contidas nos marcos de uma dada igualdade: a das mulheres para com os homens de mesma posição social...”.

Cynthia Sarti<sup>25</sup> comprova que o movimento Feminista surgiu com força a partir dos anos 70 como feminismo de esquerda, em oposição e resistência à ditadura militar, por lutas pela liberdade democrática; período em que se institui o ano Internacional da Mulher (1975). O movimento estreia nas classes médias e se amplia alcançando as camadas populares e suas organizações de bairro, caracterizando-se num movimento de interclasses.

---

<sup>22</sup> FRAISSE apud NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política.** p 5.

<sup>23</sup> NARVAZ e KOLLER, p. 6. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>. Acessado em agosto de 2010.

<sup>24</sup> COSTA, Suely Gomes. **Movimentos feministas, feminismos.** *Rev. Estud. Fem.*, 2004, vol.12, n.spe, p. 28. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a03v12ns.pdf>. Acessado em 23 de abril de 2009.

<sup>25</sup> SARTI, Cynthia A. **Feminismo e contexto: Lições do caso brasileiro.** *Cad. Pagu.* 2001, n.16, p. 36. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acessado em 23 de abril de 2009

Constância Duarte<sup>26</sup> sugere pelo menos quatro fases que caracterizam o movimento feminista no Brasil onde estas ondas ganham maior visibilidade nos períodos de 1830, 1870, 1920 e 1970.

A primeira onda (1830) começa quando as mulheres entram em cena na luta pelos direitos básicos de aprender a ler e a escrever. Em meio a essa luta se destaca Nísia Floresta Brasileira Augusta, que “... teria sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper com o espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa<sup>27</sup>”; a segunda onda (1870) é marcada essencialmente pelo enorme número de jornais e revistas assumidamente feministas; esta fase pode ser considerada menos literária e mais jornalística.

A terceira onda (1920) as mulheres se organizam e bradam “pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois não queriam apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições públicas, nos hospitais e indústrias<sup>28</sup>”. Bertha Lutz está entre os nomes que mais se destacam, e vai ser uma das mais proeminentes na liderança na campanha pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre os homens e mulheres no Brasil.

A Quarta onda (1970) ocorre com a revolução sexual, a temática do debate é o direito ao prazer, aborto, o controle da natalidade entre outros temas. Na literatura surgem vários jornais feministas, as escritoras se posicionam frente ao governo ditatorial. Neste momento ocorre a eleição de Nélida Piñon<sup>29</sup> como a primeira mulher presidente da Academia Brasileira de Letras do Brasil. Como se pode constatar, a mulher ganha espaço no campo político e em várias outras instâncias de poder.

## 1.1 METODOLOGIA FEMINISTA

Wanda Deifelt ressalta que a Teologia Feminista surgiu no século XX, em sintonia com o próprio movimento feminista. Preconizando a ampliação civil e política dos direitos das mulheres, o feminismo resgatou princípios desenvolvidos

---

<sup>26</sup> DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. *Estud. Avançados*. 2003, vol.17, n.49, p.152. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acessado em 23 de agosto de 2010.

<sup>27</sup> DUARTE, 2010, p. 153.

<sup>28</sup> DUARTE, 2010, p. 160.

<sup>29</sup> DUARTE, 2010, p. 167.

em séculos anteriores. Entre as precursoras do feminismo estão Olimpe de Gouges, com a *Declaração dos direitos da mulher*, de 1791 e Mary Wollstonecraft, com seu livro *Reivindicação dos direitos da mulher*, de 1792, em sua obra, ambas protestavam a falta de acesso das mulheres à educação e a impossibilidade do exercício pleno da cidadania.

O direito das mulheres à educação, ao voto e à propriedade, reivindicações do sufrágio no século XIX, foram alargados no movimento feminista do século XX para incluir temas como trabalho e igualdade salarial, direitos reprodutivos e violência contra as mulheres, colocando-os sob o prisma da cidadania.

Para a teologia feminista é marco importante a publicação da *Woman'sshomens Bible* (Bíblia da Mulher) de Elizabeth Cady Stanton, em 1895 e 1898, nos Estados Unidos; a fundação da aliança Internacional Joana D'Arc, na Grã-Bretanha, em 1911, por mulheres católicas; e a ordenação de mulheres pelas principais igrejas protestantes em meados do século XX. Desde a criação do conselho mundial de Igrejas, em 1948, a presença das mulheres nas igrejas, na educação teológica e na liderança espiritual tem sido tematizada.<sup>30</sup>

A teologia feminista reconheceu que é necessária uma revisão das estruturas simbólicas da Igreja e também uma concepção alternativa de teologia para poder, de fato, honrar as experiências de fé das mulheres, e voltando para a sua valorização, tanto dentro da Igreja como na sociedade, dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução.

Deifelt<sup>31</sup> destaca que Gênero e sexo são coisas distintas. Sexo é a caracterização biológica ao passo que gênero é a construção cultural do que constituem os papéis, as funções e os valores considerados inerentes a cada sexo em determinada sociedade.

A teologia feminista critica os aspectos da tradição religiosa que fundamentam qualquer tipo de discriminação e retoma aqueles elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do cristianismo e de outras religiões. A teologia Feminista sempre parte da suspeita de que o Cristianismo tem mais a oferecer do que nos concede, e que a religião também desempenha um papel de legitimação de normas e padrões culturais passíveis de questionamentos. A

---

<sup>30</sup> BONACCHI apud DEIFELT, 2003, p.171-172.

<sup>31</sup> DEIFELT, 2003, p.172-179-180-181.

Teologia Feminista celebra a presença e atuação das mulheres no contexto da Bíblia e da história da igreja Cristã.

Deste modo, a Teologia Feminista surge como um Passo metodológico importante, afirmando que a experiência das mulheres incluindo também suas experiências de fé é o ponto de partida da reflexão teológica.

O feminismo principia com o reconhecimento de que as mulheres têm sido relegadas à periferia da história e da literatura. Também a teologia feminista constata que as mulheres têm sido silenciadas, marginalizadas e consideradas secundárias no fazer teológico. Assim a tarefa da Teologia Feminista acontece em duas faces: começa apontando o aspecto patriarcal das relações sociais para então falar de novas alternativas e reconstruções.

A Teologia Feminista questiona a autoridade de um corpo literário como a Bíblia; questiona o uso e o abuso de textos bíblicos para justificar teologicamente construções sociais que são excludentes e opressoras.

O segundo estágio é a atuação da hermenêutica feminista que principia com o reconhecimento de que, apesar das mulheres terem sido praticamente esquecidas no processo histórico e excluídas dos textos bíblicos e seculares, as mulheres são de fato participantes da história, da cultura, da sociedade. Assim sendo, a Teologia Feminista rastreia a memória esquecida da presença das mulheres.

O terceiro estágio da Teologia feminista é a tentativa de formular novas propostas que sejam aceitáveis sob o ponto de vista feminista. É neste passo que as mulheres deixam de ser somente leitoras de textos e passam a serem também produtoras literárias.

Tornam-se intérpretes, articuladoras, formuladoras de conhecimento e isso requer o ensaio de uma nova epistemologia, onde o saber das mulheres é valorizado. Nesse terceiro passo, a Teologia Feminista, tem a função não só de criticar o passado e buscar histórias perdidas de mulheres, mas também de reconstruir a teologia recriando e revisando categorias teológicas, usando as experiências de opressão e as lutas de libertação das mulheres como articuladoras de saber.

O fazer Teológico feminista latino-americano é marcado pela criatividade e pela capacidade de conectar o aparentemente dissociado através de novas propostas hermenêuticas. Ética, interdisciplinaridade, corporeidade, cotidiana e

comunidade são temas sobre os quais a teologia feminista continuará apresentando suas contribuições no futuro.

### 1.1.1 HERMENÊUTICA FEMINISTA

Anete Roese<sup>32</sup> realça que na leitura de um texto bíblico, a função da hermenêutica é procurar o sentido que o texto faz para quem o lê. A teoria feminista propõe uma leitura hermenêutica da Bíblia, especialmente dos textos já calcificados por interpretações teologicamente conservadoras e opressoras, para explorar a reserva de sentido que o texto tem e que só se revela quando interpretado a partir de métodos específicos.

Ainda apoiando-se em Gebara a respeito de interpretação, ela afirma que é uma forma de revelação do ser humano para si mesmo, uma forma de mostrar a compreensão que ele tem em si, utilizando os textos como mediação. Através do entendimento e interpretação de um texto, manifestamos a compreensão que temos de nós mesmos (os) e do nosso mundo. O texto torna-se, de certa forma, um pretexto para falarmos da nossa própria realidade histórica.

A experiência de mulheres e homens, de adultos ou crianças é uma metodologia da hermenêutica feminista onde falar das experiências vividas significa tomar uma postura metodológica que ouve e assume os apelos da realidade.

Deifelt<sup>33</sup> fundamenta a importância da hermenêutica, afirmando que a mesma norteia a suspeita e a imaginação por ser uma importante chave de análise de textos. É na hermenêutica da suspeita que se analisa e destrói interpretações conservadoras do androcentrismo patriarcal.

A hermenêutica da imaginação propõe a possibilidade de uma imaginação criativa como uma regra metodológica fundamental no processo interpretativo. A imaginação criativa viabiliza a capacidade de pensar um mundo mais justo e melhor.

É na hermenêutica da suspeita que serão analisados as estruturas de poder que existem nos diversos âmbitos da sociedade. É nesse exercício hermenêutico de gênero que se pergunta pelas relações de poder presentes no texto ou no contexto;

---

<sup>32</sup> DEIFELT. 2004, 286-287

<sup>33</sup> GEBARA apud DEIFELT. 2004, p. 287.

pergunta pelo exercício de poder de cada pessoa e sob que base estrutural social, religiosa, cultural e econômica se comporta, assumindo determinados papéis.

A indagação pelo status do poder observa as categorias de classe, gênero, etnia, geração e com isso confronta o domínio do paradigma biológico de interpretação das relações e suas conseqüências para cada pessoa.

As várias perguntas sobre os acontecimentos do texto são decisivas, pois estas pedem a identificação do lugar em que estavam, tanto as mulheres como os homens visando à reflexão sobre pessoas concretas e não apenas sobre os discursos teológicos contidos nos textos bíblicos.

Roese, ao se reportar à Gebara<sup>34</sup> diz que a hermenêutica feminista tem também como regra metodológica a investigação crítica da imagem de Deus que o texto apresenta ou supõe. Essa imagem é confrontada com as experiências cotidianas das pessoas mais oprimidas na busca por imagens libertadoras e que possibilite outras aproximações com o divino outras experiências com o transcendente. A hermenêutica feminista incorpora também na sua leitura a pergunta pela dimensão corpórea, pela energia vital da qual somos formadas, numa tentativa de suplantar os dualismos da história cristã, que ignorou a corporeidade e demonizou o corpo, sobretudo o corpo da mulher.

Os estudos de Gebara buscaram reconfigurar posições teológicas acerca dos símbolos, a imagem de Deus, corporeidade, transcendências e tais experiências que resultam dessa interação, a partir de uma ótica feminista inclusiva que leva em consideração o respeito à igualdade entre os seres, e o repúdio a qualquer forma de discriminação e opressão e dominação sobre a mulher vinculada pelo sistema patriarcal androcêntrico sexista. Desse modo, “o feminismo trouxe a subjetividade feminina como lugar de saber e lugar de poder. Começar a contar sua história é reconhecê-la como caminho importante e absolutamente imprescindível na construção de novas relações sociais.”<sup>35</sup>

Pensar o legado cristão e sua tradição religiosa a partir de outras compreensões éticas e de outras hermenêuticas tornou-se importantíssimo para a construção da liberdade da mulher em relação do universalismo masculino, bem como sua opressão e dominação que não só violenta o corpo, mas vitimiza a

---

<sup>34</sup> DEIFELT et al. 2004, p. 286.

<sup>35</sup> GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**: Mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 109.



consciência da mulher levando a uma posição de inferioridade e secundarismo imposto de forma inconsciente muitas vezes.

### 1.1.2 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS: CLASSE E GÊNERO

Ao estudar o feminismo, Gebara percebe que “... a dominação e opressão constituíam chaves para a manutenção do sistema de injustiça social, em diferentes setores da vida.”

Respalda-se no sofrimento das mulheres pobres com as quais trabalhava, Gebara foi desafiada e confrontada a pensar a fé de outra maneira, a pensar a vidas nas instituições sociais de outro modo. Diante dessa nova compreensão conclui: “Nascia em mim uma luz. Passei a compreender que a liberdade econômica desejada pelos movimentos de libertação na América Latina não levavam em conta a verdadeira situação das mulheres.”<sup>36</sup> As mulheres estavam misturadas aos opressores e aos oprimidos como se a diferença de gênero não influenciasse diferentes comportamentos sociais. Nesse sentido a autora declara; “Perceber que nós mulheres, em certo sentido, éramos igualmente cúmplices de nossa própria exclusão social quando, por exemplo, nos recusávamos a levar a sério nossos próprios questionamentos.”<sup>37</sup>.

Conforme Júlio Cunha<sup>38</sup>, nos anos 70 a libertação posta pelos movimentos sociais abriu espaços, porém eles estavam condicionados a hegemonia masculina, tratava-se de um modelo masculino de libertação, com ferramentas de análise que não levavam em consideração as interações entre homem e mulher como construtoras e reconstrutoras de injustiças em todas as circunstâncias. As relações de trabalho e no lar se constituíram como espaços produtores de dominação.

Segundo Gebara “A análise de classe social, mesmo que necessária, era insuficiente para suprir a complexidade da produção de injustiça nas relações humanas e em sua reprodução cultural.”<sup>39</sup> O papel social da mulher não era importante para as grandes decisões, mesmo que os discursos sobre a importância

---

<sup>36</sup> GEBARA, 2005, p. 130.

<sup>37</sup> GEBARA apud CUNHA, 2010, p. 13.

<sup>38</sup> CUNHA, 2010, p14.

<sup>39</sup> GEBARA, 2005, p. 131.

da mulher no trabalho e no lar, periodicamente, voltassem à baila. Na verdade o reino da mulher continuava sendo o lar, cuidando dos filhos e dos doentes ou das atividades consideradas sem importância pelo sistema capitalista; sempre foi assim e não parecia ser diferente para os movimentos de libertação.

### 1.1.3. REVENDO CONCEITOS A PARTIR DA CULTURA

Gebara relata que desde 1982 as feministas no Brasil começaram a cantar o refrão ***Deus é menina e menino***, de letra e autoria de Pepeu Gomes. Essa composição promoveu uma abertura conceitual na teologia que se instaurou via cultura para se pensar a questão da possibilidade da idéia de um rosto feminino da divindade. Esse processo não ocorreu simplesmente no Brasil, mas se ampliou para outros lugares do mundo, instaurando uma verdadeira revolução na percepção do fenômeno religioso e dos valores culturais vigentes.

A música de Pepeu Gomes ouvida e cantada em vários ambientes aguçou nos jovens e em outras dúvidas, "... abriu para uma possibilidade de se imaginar a divindade como feminina *elou* masculina, provocou um desejo de respeito às diferenças não só políticas e sociais, mas também simbólicas."

A autora propõe repensar nossa tradição cristã monoteísta e prioritariamente masculina ressignificando conceitos como os de transcendência, de Deus e, ainda, desconstruindo verdades universais ou reveladas por Deus carregadas de normatização que consideram o feminino como secundário em experiências humanas e, portanto, trazem à tona à hegemonia do masculino. Gebara assegura:

*O feminismo fez com que saísse do universalismo masculino e levou-me a sempre abordar o concreto das relações humanas. O feminismo fez com que repensassem minhas imagens de Deus e minha visão do cristianismo. Senti-me provocada a superar o esquema de pensamento que me ensinaram e suas consequências.<sup>40</sup>*

Gebara trabalha, portanto, com uma perspectiva teológica contextualizada e muitas vezes além das demarcações dos discursos teológicos convencionais ou tradicionais. Ela afirma que: "O feminismo teológico com qual trabalha não quer

---

<sup>40</sup> GEBARA. 2005 p. 134.

apenas abrir espaços para ajustar-se ao que já existe, mas possibilitar passos diferentes.”

Nesse aspecto sua teologia feminista reconhece seus limites de suas propostas de mudança de conceitos e conteúdos e não pretende impo-as como novas verdades, mas como denuncia das formas explícitas de violências contras as consciências das mulheres oprimidas e discriminadas. Ela frisa: “Não pretendia destruir os valores de minha tradição religiosa, simplesmente ousava uma reflexão sobre o legado cristão a partir de outras concepções éticas”<sup>41</sup>.

#### 1.1.4. FRONTEIRAS ENTRE O POPULAR E O ACADÊMICO

Cunha<sup>42</sup> diz que o feminismo da América Latina é marcado por duas perspectivas: A primeira está ligada ou inserida nos meios populares e leva em consideração as preocupações práticas da vida cotidiana das mulheres pobres. As mulheres ligadas a este movimento falam de espiritualidade e dizem sobre a mesma como componente indispensável a sua vida. Gebara ressalta que “São as pessoas organizadas em congregações ou movimentos religiosos leigos das mais diferentes procedências, que utilizam esta palavra e buscam dar-lhe novos significados.”

A segunda está ligada aos redutos acadêmicos que tem como objetivo buscar uma nova leitura das ciências a partir da contribuição feminina. De acordo com Gebara “Várias universidades da América Latina tem hoje a preocupação de integrar em seus diversos departamentos centros de estudos feministas: publicações e congressos estudam questões da atualidade a partir da ótica das mulheres.”<sup>43</sup>

Estes contrastes (popular e acadêmico e os contextos brasileiros) trazem em seu bojo implicações seriíssimas, onde é reproduzido no seio da população condições sociais precárias e subumanas de vida. Partindo desse lugar ou espaço vivencial, que sustém seu ser e sua reflexão, é que se torna plausível falar de teologia da mulher, uma vez que se identifica como uma mulher que vive condições privilegiadas, condições essas que a dão abertura suficiente para refletir, falar e até

---

<sup>41</sup> GEBARA, 2005 p. 138.

<sup>42</sup> CUNHA, 2010, p. 17.

<sup>43</sup> GEBARA, 2000, p. 37-38.

mesmo escrever, por isso a mesma diz que: “Falo da mulher que sou eu, e de outras, mulheres pobres de minha região, como uma tentativa de transpor-me ao seu mundo, a partir de minha opção por nossa libertação, a partir de nossa condição comum humana de ser mulher.”<sup>44</sup>

#### 1.1.5. A SOCIALIZAÇÃO PATRIARCAL DO SAGRADO E A HEGEMONIA DOS SÍMBOLOS MASCULINOS

Gebara percebe a socialização patriarcal da seguinte forma: “A maneira pela qual somos educados é marcada por concepções que valorizam um referencial histórico masculino mais do que o feminino” <sup>45</sup>. Em outros termos, essa socialização busca de diferentes maneiras frisarem a valorização maior que o masculino possui nas atividades sociais desempenhadas pelo mesmo. É nesse sentido que podemos falar da força dos símbolos masculinizados presentes em nossa cultura.

Em relação aos símbolos ela demonstra que: “Eles nos penetram de diferentes modos e nem sempre temos consciência de sua força em nosso psiquismo e em nossos comportamentos.”<sup>46</sup> Ou seja, eles se enraízam em nossas vivências e psicológico, determinam condutas e muitas vezes não temos a noção ou não detectamos sua presença que gera processos de opressão e dominação em nossa vida ou de outros.

O Ser humano cria símbolos que se traduzem por meio de linguagens e artes exteriores é dessa forma que demonstram suas valorações e crenças internas. Vivemos, dessa forma, produzindo símbolos e por meio destes nos expressamos e relacionamos uns com outros. Essa é nossa maneira de viver. No entanto nessa forma de existirmos e nos relacionarmos, o poder social e político esta em mãos masculinas e em decorrência os símbolos.

*Creio que ninguém tem de pensar muito para reconhecer que a maioria dos símbolos heróicos, dos símbolos pátrios dos valores públicos, como coragem, o destemor, o sacrifício da vida, o sangue derramado pela nação ou a conquista da liberdade política, têm cara marcadamente masculina.*

---

<sup>44</sup> GEBARA, 1990, p 8

<sup>45</sup> GEBARA, 2007 p. 19.

<sup>46</sup> GEBARA, 2007, p.19.

*Basta dar uma volta pelas praças públicas das grandes cidades e ver as estatuas dedicadas aos heróis da pátria ou aos homens que realizaram feitos reconhecidos como grandes ou mesmo ver obras de arte expostas em praças e avenidas que representam vitórias masculinas e símbolos fálicos (obeliscos, torres etc..)<sup>47</sup>*

Cunha<sup>48</sup> diz que a leitura dos livros de história, sobretudo os mais defasados concentram os valores pátrios na figura masculina. Da mesma maneira nos postos significativos de governo, nas academias literárias e musicais, nos museus de arte, os homens estão hegemonicamente à frente das mulheres atuantes nas atividades da vida e após a morte. Este tipo de socialização do homem como majoritários continua na atualidade, mesmo diante da ascensão pública das mulheres na sociedade, gerando significativas mudanças.

*Essa simbologia presente nos espaços públicos já indica que o masculino tem mais reconhecimento político e religioso que o feminino. Tudo isso confirma as conseqüências do confinamento doméstico feminino, confinamento que de certa forma quase fechou as portas das artes, da literatura, da política e de outras atividades.<sup>49</sup>*

Muitas mulheres devido à cultura dominante acreditavam que esse tipo de conduta representava uma inferioridade existencial ou simplesmente do papel específico que o Deus patriarcal tinha concedido.

Sabemos que a linguagem é uma expressão simbólica, que é reconhecida como a mais significativa entre os seres humanos em sua diversidade social e cultural:

*Nesse particular, a linguagem sobre Deus nas culturas monoteístas é prioritariamente masculina, ou seja, a cultura expressa Deus partindo do gênero masculino. Fala-se da criação de Deus, da ternura de Deus, da misericórdia de Deus, do amor de Deus, da salvação de Deus, da justiça de Deus, do castigo de Deus como se essas afirmações tivessem íntima relação com a humanidade.<sup>50</sup>*

Cunha<sup>51</sup> realça que essa pessoa poderosa, as quais denominaram de Deus, com imagem histórica simbólica masculina, precede nesse nível o feminino. Dessa

---

<sup>47</sup> GEBARA, 2007 pp. 19-20.

<sup>48</sup> CUNHA, 2010, p. 19.

<sup>49</sup> GEBARA, 2007 pp. 20-21.

<sup>50</sup> GEBARA, 2007 p. 12.

<sup>51</sup> CUNHA, 2010, p. 20.

forma, costuma-se falar que as sociedades monoteístas patriarcais, as quais fazem parte, repousam sobre um monoteísmo masculino que torna difícil a introdução de elementos simbólicos mais inclusivos que façam justiça ao feminino e a diversidade de expressões da vida. Dessa forma, o monoteísmo masculino é expressão de culturas de dominação pública masculina no campo da religião:

*A simbologia religiosa, aquela que expressava nossos valores cristãos, não só tinha um semblante masculino como também acentuava a dependência das mulheres em relação aos homens. Esses valores expandiam-se em torno de imagem masculinas de Deus e, além do mais, cristalizavam-se em um projeto sacrificial de salvação de semblante masculino.<sup>52</sup>*

Concebiam-se um projeto, onde tanto na perspectiva da criação e da salvação dos seres humanos as imagens masculinizadas é que prevalecem. O Deus criador que não possui sexo tem sua socialização como masculino e é experimentado como tal no campo imaginativo. Nosso redentor, Jesus, sexuado, de igual forma pertence ao gênero masculino. Diante disso, no cristianismo, o sacrifício do Filho é redentor, o sangue derramado na cruz serve como garantia de salvação, entretanto nenhuma citação ao sacrifício feminino, ao seu sangue, considerado Impuro e fator meramente biológico.

*Basta lembrar que, no cristianismo, a dimensão do sacrifício que salva é fundamentalmente masculino. O sacrifício masculino é o único que resgata e que restaura a vida. O sangue masculino é o único que tem preço. E isto desde o Antigo Testamento, passando pelo Novo e continuando pelas diferentes teologias que já existem na nossa tradição. O sangue feminino, ao contrário, é sujo, impuro e perigoso e continua sendo assim na tradição cristã.<sup>53</sup>*

No século XX os movimentos feministas a partir de sua práxis e reflexão contribuíram de forma significativa para romper com as desigualdades e injustiças que a supremacia e a valorização pública masculina trouxeram ao longo dos tempos. O universalismo do masculino foi rompendo-se de forma lenta e revelando o sectarismo de suas ambições epistemológicas, de sua ciência, de sua história e de seu poder.

*Da mesma forma, fomos de diferentes maneiras denunciando a parcialidade dos processos de socialização e educação que nos levaram a aceitar a*

---

<sup>52</sup> GEBARA, 2005. p. 132.

<sup>53</sup> GEBARA, 2000 p. 34.

*hegemonia e superioridade simbólica do masculino. E por isso nós feministas começamos uma batalha com o Deus masculino e com a cultura patriarcal sustentada pelos homens e legitimada igualmente por muitas mulheres.*<sup>54</sup>

Atualmente muitas mulheres têm percebido que a continuidade da hegemonia patriarcal é nociva e produtora de crescente violência cultural, política e social. Dessa forma, muitos grupos de mulheres estão agindo sobre ela de distintas formas e intensidades. Essa quebra de hegemonia simbólica atingiu de maneira especial as religiões e a reflexão teológica e tem conduzido o poder masculino sobre o religioso, poder que se demonstra e se configura mais forte que em outros setores.

#### 1.1.6 CORPOREIDADE, ESPIRITUALIDADE

Cunha<sup>55</sup> assegura que o corpo feminino foi e é marcado por diferentes formas de manipulação no espaço religioso, social e político pelas hierarquias patriarcais. É a partir do corpo feminino que se expressa a dominação e a opressão de gênero, gênero masculino, mas também onde se afirma a autonomia da mulher. É nesse lugar que marca a posse do masculino sobre o feminino.

*Um longo processo de liberação do corpo começava na América Latina. Essa liberação estava ligada ao direito ao voto, a igualdade de acesso aos estudos e ao trabalho, à valorização do trabalho doméstico, ao uso dos contraceptivos, ao direito ao prazer, a uma legislação de trabalho que favorecia as mães trabalhadoras, ao direito à participação política efetiva e a tantas outras conquistas que já não representam sonhos de liberdade, mas, em meio às contradições inerentes a toda e qualquer existência, passos concretos para liberação de nosso corpo, submetido às leis de uma sociedade patriarcal.*<sup>56</sup>

O corpo feminino é local de posse da instituição religiosa.

*Entre os diferentes tipos de poder, destaco o da instituição religiosa, sobretudo quando se manifesta como guardião da verdade de Deus. Em nome de Deus, esses poderes passam a exercer não apenas autoridade*

---

<sup>54</sup> GEBARA, 2007 pp. 23-24.

<sup>55</sup> CUNHA, 2010, p. 21.

<sup>56</sup> GEBARA. 2005 p. 137.

*sobre consciências, mas também a dominação dos corpos e dos pensamentos.*<sup>57</sup>

O corpo feminino transformou-se em local onde injustiças eram processadas, fonte de desconhecimento à medida que as mulheres não compreendiam seus direitos de igualdade e justiça. A dominação do corpo impede o diálogo e a construção do direito e da justiça para todos e todas, faz-nos esquecer-se da fragilidade e a urgência de nossa solidariedade comum. O corpo feminino, local do desejo masculino, local de propriedade, corpo mercadoria, local de violação e espoliação, clamava por justiça. Era preciso criar uma cidadania de mulheres com igualdade de direitos. Curar as feridas, ajudar restaurar o corpo depreciado.

O anseio de liberdade gradativamente se transformava em realidade concreta em relação às forças de dominação. Por meio de pequenas conquistas sociais, no âmbito doméstico ou concernente a sua própria auto-satisfação de ser mulher, ou seja, na sua identidade.

Compreende-se que o corpo na questão espiritual tradicional era visto sempre com desconfiança, local de ameaça à vida espiritual, apontado por varias fraquezas, onde era preciso fortalecer sempre o espírito para enfrentá-la. No entanto, deixando de lado antigas concepções sobre a realidade do corpo para a mesma.

*O que nos interessa é revalorizá-lo e mostrar como estamos como seres corpóreos presentes na história, presentes aos outros e presentes a Deus. Além disso, mostrar o quanto não se pode viver hoje uma aventura espiritual como mulher sem levar em consideração a realidade corpo que nos constitui, que nos faz ser o que somos e esperar o que esperamos.*<sup>58</sup>

Conforme Cunha<sup>59</sup> a espiritualidade da mulher está interiormente presente, neste sentido, em nossa frágil, rica e pobre materialidade, em conexão com a vida experienciada no cotidiano das relações “E a materialidade de nosso ser não se opõe à nossa realidade espiritual, visto que somos essa realidade misturada e é nos limites de nossa materialidade que dizemos ou exprimimos algo que chamamos espiritual.”<sup>60</sup>

O descobrimento da maravilha de nossa materialidade faz-se atual principalmente nos espaços religiosos. Nota-se que as mulheres foram tomadas,

<sup>57</sup> GEBARA, 2005, p. 156.

<sup>58</sup> GEBARA, 1992 p. 50.

<sup>59</sup> CUNHA, 2010, p. 22.

<sup>60</sup> GEBARA, 1992 p. 50.



principalmente, devido à tradição dualista que se encontra no interior da Igreja, a ter a compreensão de que seu corpo é fonte de pecado. Lugar de tentação ou como habitat inferior que é preciso conviver até a nossa finitude.

Gebara<sup>61</sup> confirma dizendo: “Tal postura estende suas consequências até os dias de hoje, pois embora intelectualmente muitos de nós superássemos o dualismo em que fomos formados, guardamos ainda uma série de comportamentos ou expressões que denunciam ainda presença do mesmo.”

A descoberta realizada pela mulher da integralidade de seu corpo e da efetiva mudança que ele pode gerar será alvo de aprofundamento no campo histórico, se direcionado com respeito a tudo que é considerado como humano.

A relação que o corpo proporciona com meio a partir do qual se entra em contato e relação com o outro deve ser em nível de igualdade participativa, no entanto isso não se evidencia em torno da figura feminina uma vez que vive sua primeira desvalorização e opressão no mesmo em todos os sentidos. A interação que se constrói com o homem, principalmente na esfera religiosa, é sempre de superior para inferior “Através do corpo de mulher pode-se sentir a vida inteira: desvalorização, diminuição, rejeição, redução, a objeto, e também mão-de-obra barata para o clero e diferentes instituições eclesiais.”<sup>62</sup>

Diante da descoberta pela figura feminina do seu corpo onde habita força e beleza, da materialidade onde não pode ser apenas vinculada como fonte de prazer, mas corpo que tem a capacidade de pensar, refletir e buscar novos rumos para sua história, desvinculando-se daquilo que foi proposto e tido como prática possível pelo sistema patriarcal, corpo que tem um poder maior do que o designado pela sociedade patriarcal tomar-se-á conquista basilar para a história de hoje e amanhã.

O corpo nessa perspectiva transforma-se em habitação do sagrado e de ventos novos “É nesse sentido que o corpo da mulher é morada do divino, é habitação do Espírito, é lugar da gestação de algo novo que nada tem a ver com a vontade de poder, com a competição cega, com a eliminação da vida, mas tem a ver com Deus, o Deus de Jesus, o Deus da vida em abundância.”<sup>63</sup>

Diante disso, a dimensão do corpo da mulher de modo algum pode ser esquecido ou colocado de fora da espiritualidade, fora desse significado que

---

<sup>61</sup> GEBARA, 1992 pp. 50-51.

<sup>62</sup> GEBARA, 1992 pp. 50-51.

<sup>63</sup> GEBARA, 1992 p. 52.

direciona, toca e impulsiona nossa existência e nos coloca com o anseio e o desejo de viver e esperar a vinda do reino de Deus expressa através de sinais históricos visíveis e palpáveis.

#### 1.1.7. EXPERIÊNCIAS DE TRANSCENDÊNCIA.

Cunha<sup>64</sup> relata que o século XX pode ser considerado como o século da suspeita feminina. Esta suspeita ocorreu em distintas superfícies da teologia. A antropologia religiosa, considerada o modo pelo qual o distinto grupo de pessoas entende sua finitude ou existência a partir de valores e seres entendidos como transcendentos, buscou uma nova compreensão a partir do viés feminista.

A existência dos seres humanos não pode ser comprimida à percepção hierárquica e patriarcal. A teologia feminista busca uma revolução na percepção do mundo, saindo da visão limitada patriarcal. Ela tenta com base nessa revolução antropológica, transpor a cartografia histórica e intelectual como herança do mundo patriarcal e garantir a complexidade da vida de todos nós. Dessa forma, Cunha assegura que a teologia feminista busca uma nova compreensão antropológica; Ele propõe:

*Propormos atualmente outro ponto de partida para ensaiar outra compreensão de nós mesma, outro ponto de partida que tome em consideração nossa existência cotidiana sempre em relação com todos os seres viventes. São os acontecimentos e as vivências de cada dia com os valores e não valores que Lhes atribuímos os indicadores dos sentidos que damos à nossa vida.<sup>65</sup>*

Nessa ótica a partir do olhar feminino, busca-se pensar Deus de outra maneira. Pensar Deus de outra maneira é pensar em outros fundamentos de sociedade, outras imagens da transcendência, em outros procedimentos Institucionais fundamentados em mais fraternidade igualdade e justiça nas relações humanas.

---

<sup>64</sup> CUNHA, 2010, p. 24.

<sup>65</sup> GEBARA, 2007 p. 36.

*As mulheres teólogas a partir da segunda metade do século XX abriram as portas para outra compreensão da transcendência: em vez de realidade poderosa superior humana, ser uma experiência dentro da cotidiana materialidade humana, dentro de nossa história e de nosso planeta.<sup>66</sup>*

O sistema hierárquico que recentemente vigora em nossas culturas nos força a pensar a transcendência fora de nós, como alguma coisa distinta de nós. Passa-se então a pensar, na maioria das vezes, que trata de um objeto de conhecimento diferente, que chamamos de Deus ou Pai, ou Senhor. Isto se evidencia no campo da mentalidade que foi gerado ao longo dos tempos, no processo de formação de nossa consciência. “Acreditamos na objetividade do ente divino com realidade transcendente e inteiramente separada de nós; cremos em um ser que está no céu, todo poderoso, vivendo por si e em si.”<sup>67</sup>

Cunha<sup>68</sup> diz que, no entanto, a todo o momento estamos transcendendo circunstâncias, condutas, condicionamentos e a nós mesmos (a). Experimentamos essa transcendência, na materialidade que somos, em nossas interações, sonhos e esperanças. Habitamo-nos com essa transcendência não apenas naquilo que colocamos como positivo, mas também nas coisas que designamos de negativo, e isso ocorre em nossa finitude. “É por meio dessa experiência existencial que podemos falar da transcendência do mal em nosso cotidiano e em nossa história pessoal e coletiva. Da mesma forma podemos experimentar a transcendência do bem em nós e nos outros.”<sup>69</sup> A transcendência a partir dessa possibilidade comporta um caráter de ambivalência em sua constituição.

Por outro lado, reconhecer a transcendência em nós e em torno de nós implica em uma postura ética da transcendência. O semblante de nosso próximo, do vizinho, daquele que esta diante de nós “essa transcendência é um movimento ético, uma consideração do valor de cada ser por sua própria vida, por sua existência, ou seja, cada ser vale porque existe e existe sempre relacionando-se com os outros.”<sup>70</sup> Situar de igual forma a transcendência em nós, também coloca-nos a considerar uma outra transcendência, a da terra, dos animais, rios e árvores, os quais precisam de uma relação respeitosa, solidaria e de reciprocidade, como fossemos um só corpo.

---

<sup>66</sup> GEBARA, 2007, pp. 38-39.

<sup>67</sup> GEBARA, Ivone. 2005. p. 167.

<sup>68</sup> CUNHA, 2010, p. 25.

<sup>69</sup> GEBARA, 2007, p. 40.

<sup>70</sup> GEBARA, 2005, p 177.

*[...] estamos apostando de novo em nós, nos seres humanos e na construção de sentidos com base em nós mesmas/os. Estamos reafirmando nossas responsabilidades pessoais e sociais para simplesmente viver dignamente e "carregar os fardos uns dos outros", sem grandes certezas, mas apenas com o imenso desejo de afirmar dignidade humana e a dignidade do planeta partindo de outros referenciais.<sup>71</sup>*

Sem dúvida, essa nova abordagem produz conflitos entre poderes constituídos e outros que buscam sua colocação e reconhecimento. Diante dessa perspectiva, Gebara afirma: “E nesse jogo de forças só o futuro nos mostrará que novas configurações e novas cartografias estamos construindo para apoiar os sentidos de nossa existência em uma opção de justiça de gênero, de justiça social e eco-justiça.”<sup>72</sup>

A transcendência não seria um ser único e separado ou independente, mas a realidade última, aquilo que é e no qual estamos inseridos, em diferentes dimensões não captáveis inteiramente pela razão humana. A transcendência não é vertical como nos acostumaram a imaginar, mas é vertical, horizontal, circular, espiral. Na compreensão de Gebara a transcendência é:

*[...] a imersão no mistério da vida e da qual podemos dizer apenas algo provisório a partir de nossa própria experiência temporal. A transcendência é essa falta de resposta à questão das origens e do fim, é estar suspensa com incertas certezas experimentando a novidade de cada instante. A transcendência é essa sensação de pertença a algo maior, bem maior, cujos contornos mal conhecemos e pouco sabe expressar. Por aí passa um discurso filosófico sobre a experiência humana da transcendência. Entretanto, ela é também experiência de beleza, da grandiosidade da natureza, de suas relações e interdependências.<sup>73</sup>*

Cunha<sup>74</sup> observa que a transcendência é expressa na relação com todos os seres e situações que nos rodeiam. Ela também possui uma dimensão ética quando é experienciada nas circunstâncias em que fazemos sobressair o bem comum acima de nossos interesses individualistas, nas diversas situações em que a vida é exposta em favor de outras vidas. Isso inclui a valoração dos grupos marginalizados, sobretudo as mulheres que sofrem na pele a opressão do sistema patriarcal e a preservação do nosso ecossistema tão espoliado por este mesmo sistema.

---

<sup>71</sup> GEBARA, 2007 p. 41.

<sup>72</sup> GEBARA, 2007 p. 41.

<sup>73</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997. pp. 117-118.

<sup>74</sup> CUNHA, 2010, p. 26.

A transcendência nos aponta para uma perspectiva ecofeminista<sup>75</sup> em nossa relacionalidade e reciprocidade com cada ser, preservando, cuidando, e sendo solidário com as vidas de todas as espécies.

---

<sup>75</sup> Pessoa que apoia o eco feminismo: junção entre feminismo e natureza que lutam em favor da vida e contra a opressão patriarcal e dominação capitalista.

## 2 O PASTORADO FEMININO NOS TEMPOS DE JESUS: A ERA APOSTÓLICA COM ÊNFASE EM MARIA MADALENA

O movimento de Jesus ensaia uma prática libertadora de inclusão e participação da mulher no Reino de Deus. Jesus, em sua imensa sabedoria, soube mesclar seu discurso com sua prática ao promulgar de forma clara e contundente a igualdade entre o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, estreando assim uma nova maneira de tratar a mulher. Estas atitudes eram por demais inovadoras e revolucionárias para seu tempo. De fato ele veio quebrar paradigmas e assim o fez.

Nas narrativas sobre Jesus percebe-se que a presença das mulheres foi de grande importância:

- No Nascimento: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL que traduzido é Deus conosco" (Mt 1.23)
- Na Morte: "E estavam ali olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia para servi-lo (Mt 27.5-5).
- Na Ressurreição: "E passando o sábado, Maria Madalena e Maria , mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para ele ungi-lo [...] e olhando viram que já a pedra estava revolvida e era muito grande [...] porém ele disse-lhes, não vos assusteis; buscai a Jesus Nazareno que foi crucificado; já ressuscitou [...] (Lc 16.1-6)

O mundo antigo acreditava que a vida de uma criança provinha unicamente do pai. Eles criam que o sêmen continha minúsculos seres humanos que havia se formado na cabeça do homem. De acordo com Cunningham, "tal crença deu origem ao conceito grego de que o homem era a "cabeça". A mulher era apenas o "solo" onde aquelas miniaturas humanas se desenvolviam até a época do nascimento".<sup>76</sup>

Esse conceito foi abominável aos olhos de Deus, no que o criador repudiou quando fez com que Jesus nascesse de uma mulher, seu único "progenitor" terreno; o DNA de Jesus tem uma forte contribuição da mulher. Isso é maravilhoso!

---

<sup>76</sup> CUNNINGHAM apud DANTAS, 2008, p. 24.

Portanto, Jesus veio ao mundo com uma missão principal, morrer por nós. Essa foi sua missão mais importante. No Antigo Testamento, quando se queria comissionar alguém – ordená-lo ao ministério – ungiu-se essa pessoa com óleo; foi o que ocorreu com o Rei Davi, era de suma importância. A unção era um sinal exterior de que Deus estava chamando Davi para uma missão de grande relevância.

Quem foi que ungiu Jesus? Quem o comissionou para realizar a missão mais importante da Terra? Duas mulheres. Quem o batizou foi o seu primo João Batista, mas, quem o “ordenou” foram duas mulheres. Maria ungiu Jesus, na casa de Lázaro, mais ou menos uma semana antes da morte do Senhor.

Poucos dias depois, novamente outra mulher o ungiu. Isso aconteceu numa casa onde Ele estava ceando. (Lucas 3.37). “E eis que uma mulher “pecadora” que havia na cidade, quando soube que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com unguento”. Esta “pecadora” do texto equivale a uma mulher subestimada no contexto em que estava inserida, uma sociedade patriarcal. O encontro dela com Jesus foi à casa de Simão, fariseu. Ela trouxe um vaso de alabastro com um óleo caríssimo e derramou todo o seu conteúdo na cabeça do Senhor. Naquele momento, Jesus explica que, por causa desse gesto, o que ela fizera seria contado a todo o mundo, em todos os lugares onde o Evangelho fosse pregado. Ele deu um grande destaque a essa mulher.<sup>77</sup>

Após a ressurreição, Jesus mais uma vez deu maior destaque às mulheres, ao aparecer para Maria Madalena em primeiro lugar. Aliás, as mulheres foram às primeiras pessoas que viram o túmulo vazio.

Em João 20.1-10 Maria Madalena, passando o sábado, correu para o sepulcro. Ao chegar ao sepulcro a pedra estava revolvida. Teve medo, não entrou no túmulo; percorreu para a cidade e noticiou-o a Pedro, que, com João, correu para o lugar onde Jesus jazera sepultado. Grande decepção! Verificaram a exatidão das palavras de Madalena, entraram no sepulcro, acharam tudo em ordem até os lençóis dobrados foram postos num canto. Mas não viram a Jesus.

Maria que estava em pé, diante do sepulcro, começou a chorar, enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco sentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés. Eles perguntaram-lhe: Mulher, por que choras? Respondeu-lhe: Porque tiraram o

---

<sup>77</sup> DANTAS, 2008, p. 50.

meu Senhor, e não sei onde o puseram. Ao dizer isso, voltou-se para trás e viu Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, diga-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela virando-se, disse-lhe em hebraico: Rabôni! – que quer dizer Mestre. Então Jesus disse: Deixa de me tocar, por que ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.

Jesus apareceu-lhe naturalmente e um pouco diferente, pois ela pensou ser o jardineiro. Ali estava um Jesus de carne e osso, mas glorificado. Ela dialogou com Ele e recebeu ordens. Enfim, foi a primeira pessoa que viu Jesus ressurreto, Jesus glorioso, Jesus vitorioso.

Depois desse encontro, Mateus 28.9,10 registra: “E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. Então lhe disse Jesus: não temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia; ali me verão”.<sup>78</sup> Enéas Tognini atesta que Jesus valorizava as mulheres, consideradas sem valor na sua época e dá-lhes uma tarefa muito importante. Mulheres e homens são discípulos de Jesus e não há hierarquias nos serviços de anunciar o reino de Deus. Essa ação de Jesus vai ao encontro da inclusão de mulheres no ministério.

Percebe-se através dos relatos acima que o ministério de Jesus revolucionou a história, em especial, a vida das mulheres. Ele lhes conferiu um tratamento completamente diferente do que recebiam do mundo voltado para os homens.

Observa-se que na história da mulher encontrada em adultério, Jesus não usou na sua balança duas medidas, pois se recusou a fazer um julgamento tendencioso. O filho de Deus não apoiava a cultura que favorecia um sexo em detrimento do outro. A missão dele não era condenar, mas, salvar os perdidos. Isso incluiu falar para os homens que queriam matar a mulher que deveriam olhar para si. Conversou com a mulher, ouviu sua história e a desafiou para uma nova vida.

Dentro e fora das Escrituras Sagradas percebem-se algumas vozes gritantes feministas que se destacaram no passado e que se fazem ouvir até os dias atuais.

---

<sup>78</sup> TOGNINI, Enéas. **Maria Madalena**. São Paulo: Bompastor, 2005, p. 21-23.



## 2.1 A MULHER NA ERA APOSTÓLICA

### I - Lídia

Em At. 16.14-15 há um relato de uma mulher de Tiatira, próximo de Éfeso, vendia tecidos tingidos, teve um encontro com Deus ao ouvir a Pregação do Evangelho através de Paulo, depois disto Lídia e sua família desceram as águas batismais.

Ela sempre foi uma mulher de oração. (At. 16.13) Era gentia, mas havia se convertido ao judaísmo, logo após se converteu ao movimento cristão, assim como toda a sua casa (At. 16.14-15). Com isso a sua casa tornou-se uma Congregação, a 1ª da Macedônia, onde ela mesma pastoreava ofício que não foi fácil na sua época, pois muitos não se acostumaram com a liderança exercida pelas mulheres num país onde reinava a cultura machista.

Lídia não era a única líder feminina do seu tempo, temos também outras mulheres a exemplo podemos citar Priscila.

### II - Priscila

Era judia, natural de Ponto na Ásia Menor, artesã de tendas, assim como o seu esposo Áquila e seu amigo Paulo, juntos trabalhavam e aproveitavam a oportunidade para evangelizar seus clientes. Era muito conhecida como missionária e se destacou por causa de sua dedicação. O Novo Testamento os menciona sete vezes sempre juntos, mas das sete vezes, em cinco o nome de Priscila aparece primeiro.

Isso era tão raro na antiguidade que parece indicar que ela liderava entre os dois. Assim quando em At. 18.26 afirma que Priscila e Áquila expuseram o caminho de Deus a Apolo (famoso líder de Alexandria), tudo indica que esse homem renomado tinha aceitado aprender com um casal em que a mulher tinha maior importância.

Com isso vemos que Priscila era uma mulher capaz tanto no conhecimento, como em todos os aspectos que necessitam uma líder.<sup>79</sup>

### III - Febe

Era de Concréia, um subúrbio da grande Corinto. Em Romanos 16.1,2 Paulo fala o seguinte: “Recomendo-vos Febe, nossa irmã diaconisa da Igreja de Concréia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a Santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisardes, porque também ela ajudou a muitos, a mim inclusive”.<sup>80</sup>

A Bíblia de Estudo Pentecostal indica que provavelmente foi Febe a portadora desta epístola. A construção linguística do versículo em apreço, no original indica que ela desempenhava a função de diácono. Como toda líder que se preza, ministrava aos pobres, aos enfermos e aos necessitados, além de prestar assistência a missionários tais como Paulo. As saudações de Paulo a nada menos de oitos mulheres neste capítulo, indicam que as mulheres prestavam serviços às Igrejas.<sup>81</sup>

John Baldock<sup>82</sup> realça que dos poucos detalhes que Rom 16.1-2 fornece, é possível deduzir que Febe era membro ativo, talvez proeminente, da Igreja primitiva. Febe também contava com a confiança de Paulo, pois, segundo muitos especialistas, foi ela quem viajou até Roma para entregar a Carta a Paulo.

### IV - Júnia

“Saudai a Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo”. (Rm 16.7)<sup>83</sup> Júnia é um nome feminino em Grego. Ela foi chamada de Apóstolo.

Observa-se que a palavra grega HOS traduzida como “os quais” inclui os gêneros masculino e feminino. Assim sendo, quando Paulo diz: “os quais, se

<sup>79</sup> TAMEZ, 2004, p 89-92.

<sup>80</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985.

<sup>81</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. CPAD, 2007.

<sup>82</sup> BALDOCK, John. **Mulheres na Bíblia**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009, p. 236.

<sup>83</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985.

distinguiu entre os Apóstolos”, ele está incluindo a Andrônico e a Júnia. A palavra grega HOS é usada neste versículo: “Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres, as quais confiavam em Deus” (1 Pe. 3.5)

“Esta é uma evidência convincente de que um dos 22 Apóstolos mencionados no Novo Testamento era uma mulher”.<sup>84</sup>

#### V - A Samaritana

A samaritana volta à cidade sem se preocupar com a água que fora buscar no poço de Jacó. Larga o seu cântaro para trilhar, a partir desta hora, um novo caminho: passagem que não faz sozinha, porque, dentro do mais profundo de si mesma, descobrira que habita Deus. Este Deus que se manifestou à mulher samaritana é o Pai de Jesus Cristo, o Messias que devia vir e anunciar ao povo todas as coisas.

#### VI - Evangelho de Maria

Este Evangelho é um dos textos gnósticos. Não é possível estabelecer a data da redação, mas o manuscrito copta foi datado no início do século V e um fragmento grego do mesmo, em começo do século III.

Este Evangelho, embora curto e fragmentado, contém elementos essenciais do gnosticismo cristão: apresenta-se a articulação entre o divino e o humano, procurando conservar a alteridade absoluta do divino (9,18-20), a relação entre o material e o espiritual (7,1-10; 8,1-10), a discussão teológica do *unde malum* solucionada via dualismo (7,11-28), a continuidade da revelação, por contraposição ao dogma (10,10-13) e, o que nos interessa particularmente, o papel do feminino no âmbito religioso, a nível prático e teórico (9,12-20; 10,1-6). Tudo num estilo que repete o tema do segredo, típico do evangelho de Marcos, dentro do grande tema gnóstico da inacessibilidade do verdadeiro conhecimento a todos os crentes (7,10 e 28, entre outros).

É interessante notar neste escrito a clara polêmica com o cristianismo autodenominado ortodoxo: “Não imponham nenhuma regra salvo aquela da qual fui

---

<sup>84</sup> BLVD, 2006, p. 88,89.

Testemunha. Não acrescentem leis às dadas pela Torá, para não ser escravos delas” (9,1-4). E em 18,19-21: “Saíamos a anunciar o evangelho sem procurar estabelecer outras regras e leis, exceto aquela da qual ele foi testemunha”.

O relato mostra três personagens discutindo em pé de igualdade, uma delas mulher, que recebeu revelação direta do Salvador/Mestre e a transmite ao grupo de ouvintes masculinos, entre os quais um de muita autoridade, Pedro. O texto diz:

Pedro acrescentou: “É possível que o Ensinador tenha conversado desse modo com uma mulher acerca de segredos que nós ignoramos? Deveremos mudar nossos costumes e escutar todos essa mulher?”. Maria então desatou a chorar. Disse a Pedro: “Pedro, meu irmão, o que tens na cabeça? Crês que eu sozinha imaginei tudo?”. Levi tomou a palavra: “Pedro, tu sempre fostes um impulsivo, vejo agora que te assanhas contra a mulher, como fazem nossos adversários”.

No entanto, se o Ensinador a fez digna, quem és tu para rechaçá-la? Seguramente o Mestre a conhece muito bem... Ele a amou mais do que a nós. Arrependemo-nos e nos tornemos o ser humano (Anthropos) em sua inteireza; Deixamo-lo lançar raízes em nós e crescer como Ele pediu. Portanto ao anunciar o Evangelho sem procurar estabelecer outras regras e outras leis afora a qual Ele foi o testemunho. Depois “que Levi pronunciou estas palavras, eles se puseram a caminho para anunciar o Evangelho.” (17,14-19; 18,1-4 e 7-12).

Em oposição a Pedro, Levi propõe assumir o ser humano em sua integridade: fêmea e varão. Diz que Jesus foi testemunha dessa integridade e que não é preciso acrescentar regras e/ou separações que ele não contempla nem ensina. A discussão dá conta de um ambiente no qual este debate está aberto e o Evangelho de Maria assume uma proposta de igualdade radical de gênero.

O lugar destacado que Maria ocupa neste Evangelho levou alguns autores a supor que alguns escritos gnósticos, e talvez este com que nos ocupamos, sejam de autoria feminina ou pertençam a círculos femininos os autores e/ou transmissores. É impossível afirmar ou negar isto. Podem ser ou não. Só a possibilidade é demonstrável por estes textos. Mas isto não impede que esta passagem do Evangelho em particular admita vários níveis de leitura, que enriquecem nossa informação sobre o lugar que a mulher ocupa em diferentes grupos cristãos.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> MAGDALA, Mirian de. **O Evangelho de Maria**. 7. ed.. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, 17, 14-19; 18, 1-4 e 7-12, p. 94.

O modo de Maria Madalena agir como líder incomodava os discípulos não somente porque estava exercendo a liderança, mas também porque ela estava indo contra a cultura local. Se não era permitido conversar com uma mulher na rua, quanto mais receber ensinamentos dela. Não somente isso os incomodava, mas também o fato de Jesus revelar a ela ensinamentos e não a eles. Há um tratado gnóstico chamado Pistis Sophia em que mostra Pedro tão irritado com a situação que pede a Jesus para expulsar Maria Madalena do meio dele, porque ela falava demais e não deixava ninguém falar.

## VII - Maria Madalena e as outras mulheres que ajudaram Jesus

É possível que esses demônios tenham possuído Madalena, como resultado da prática de artes mágicas e feitiçarias, muito comuns naqueles dias. E isso é confirmado pela constante condenação dessas práticas nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento.

Nesse texto bíblico ela é mencionada com mulheres da alta sociedade, Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, era uma delas. Maria estava nesse grupo de elite e endinheirado que, além de acompanhar Jesus em suas viagens, o assistia com seus recursos materiais.

Crê-se que todas aquelas mulheres sustentavam o Filho de Deus e os doze apóstolos com dinheiro e comida. Algumas delas, segundo o texto de Lucas 8, foram curadas de terríveis enfermidades e, outras, libertas do poder do demônio, como Maria Madalena. O trabalho delas prestado naturalmente a Jesus obedecia ao espírito de gratidão pelo muito que receberam do Senhor.

O texto afirma que “algumas” mulheres seguiam a Jesus. Observa-se que não somente serviam a Jesus com bens materiais, mas, o mais importante, é que estavam perto Dele. Portanto, mostra-se que essas mulheres viviam sorrindo, estavam felizes, pois tinham todos os motivos para isto pelo fato de estarem ao lado de Jesus, marchando, cuidando Dele e dos apóstolos, preparando-lhes alimento e dispensando-lhes conforto, na medida do possível. Tentando dar o melhor delas àquele que representava tudo para elas.

## 2.2 MARIA MADALENA: UM EXEMPLO A SER SEGUIDO

Diante de tantos exemplos dados anteriormente sobre Liderança e Pastorado Feminino, dá-se destaque a Maria Madalena por ter ocupado um grande papel nos Evangelhos e contribuído para as mudanças significativas na atualidade em relação ao papel que a presença feminina representa e ocupa nas instituições religiosas.

Maria Madalena foi e é uma das mulheres mais comentadas nos Evangelhos e destacou-se também por provar o seu amor por Jesus com atos e atitudes além da época, mostrando-se o seu valor como uma dos Apóstolos no meio de uma cultura patriarcal.

Madalena serviu-o principalmente nas horas sombrias de desprezo e dor. Na dolorosa e humilhante cena do calvário, em meio à loucura do povo e da brutalidade dos executores de Jesus, apenas um apóstolo – João – contemplava o horror da crucificação (João 19.25,26). Os outros apóstolos, não estavam presentes. Longe do calvário; abatidos, cheios de medo, abandonaram o campo de batalha.

Além de João, estavam junto à cruz do Senhor, a mãe de Jesus e a irmã dela (provavelmente Salomé, esposa de Zebedeu), Maria, mulher de Cléopas e Maria Madalena (v. 25).

Ali estava Madalena, no meio do tumulto e da confusão, ela sofria com Maria, Mãe de Jesus, a dor das horas mais sombrias e terríveis da vida do Mestre. Ali estavam os insultos, a gritaria, a blasfêmia, a zombaria, tudo, absolutamente tudo contra Jesus. Madalena estava com mais três mulheres e um varão, que era o apóstolo do amor. Era a fibra dessas mulheres, como também de João, coragem e ousadia a prova incontestada de seu amor pelo filho de Deus, o qual a libertara do terrível cativeiro.

Em Mateus 27.61 é dito que “achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria”. A outra era Maria, mãe de Tiago e de José, conforme a informação de Marcos 15.47. As duas Maria sentou-se, indicando que permaneceram ali por algum tempo, até que a lei do sábado as obrigassem de sair.

Maria Madalena tinha por Jesus um grande amor e uma profunda gratidão, sua permanência diante do sepulcro do Salvador indicava seu zelo pelo corpo de Jesus, seu cuidado para que não o roubassem nem o dilacerassem.

Jesus vivo e ressurreto foi a bandeira desfraldada por uma mulher – Maria Madalena, ela foi a primeira. E a incumbência lhe foi dada pelo Senhor naquele inesquecível alvorecer de domingo. O Mestre lhe ordenou: “Maria! Ela, virando-se lhe disse em hebraico: Rabôni! – que quer dizer Mestre. Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mais vai a meus irmãos e diga-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. E foi Maria Madalena anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! – e que Ele lhe dissera estas coisas”. (João 20.16-18).

É verdade que nesse mesmo dia, algumas horas mais tarde, o Cristo vivo se encontrou com as mulheres e disse-lhes: “Salve. E elas aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão para Galiléia; ali me verão”. (Mateus 28.9,10)

Mas, a primeira a proclamar o Cristo vivo foi Madalena e, por que uma mulher? Um dia, porém, não veremos mais por espelho e saberemos, então, a razão do privilégio que o Senhor Jesus deu a uma simples mulher.

E elas proclamaram as Boas-Novas a Pedro e aos demais discípulos. Elas cumpriram tudo com amor e fidelidade.

Encontrar-se em Atos 1.12-14 as mulheres que mencionam onze apóstolos dirigindo-se ao cenáculo; e, no verso 14, encontramos Maria, mãe de Jesus, com outros filhos, irmãos de Jesus, e as mulheres. Quando lançaram sorte na escolha do substituto de Judas, a assembléia estava reunida, e as mulheres lá estavam. Quando a igreja, que se compunha de 120 pessoas, foi cheia com o Espírito Santo no Pentecostes, todos estavam reunidos (2.1); por tanto, as mulheres lá estavam. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, incluindo as mulheres (v. 4).

O trabalho destas abnegadas mulheres foi dos maiores e o apóstolo Paulo diz que “nenhum trabalho é vão no Senhor”. Essas mulheres receberão o prêmio do seu maravilhoso trabalho.

Quanto à Maria Madalena, a mesma é a mulher mais citada no Novo Testamento dentre outras Marias.

Encabeçando a lista têm-se Maria, a mãe de Jesus, mencionada em Mateus 1.18-25 e Lucas 1.27, além de outras passagens.

Em segundo lugar, temos Maria, irmã de Lázaro e de Marta, conhecida também como Maria de Betânia, que aparece em Lucas 10.38-42 e João 12.

A seguir, o Novo Testamento registra o nome de Maria, mãe de Tiago e de José, em Mateus 27.56,61.

Em quarto lugar encontra-se Maria, mãe de João Marcos, apontada em Atos 12.12. E, finalmente, aparece o nome de Maria Madalena em inúmeros textos do Novo Testamento. O primeiro deles é Lucas 8.2.

Seu nome, como quase a totalidade dos registrados na Bíblia, era apenas Maria. E por que Madalena? Referia-se, talvez, ao seu berço natal. É provável que ela tenha nascido numa aldeia chamada Magda, que hoje possivelmente, tenha o nome de Tariquéia.

Magdala é uma palavra hebraica (Mighadal) que significa “torre” Mateus 15.39 registrou-a como Magadã, lugar para onde Jesus foi após a segunda multiplicação de pães e peixes. Marcos 8.10, referindo-se à mesma Magda ou Magadã, chamou-a Dalmanuta. Não importa a grafia; o que vale é a diminuta, mas importante, aldeia onde nasceu Maria Madalena. Situava-se num bolsão a Sudoeste do Mar da Galiléia, distante cinco quilômetros ao Sul da grande cidade de Cafarnaum.

O povo de Magdala dedicava-se à pesca como também as demais ribeirinhas desse famoso lago também chamado Mar.

Essa aldeia simples, mas estrategicamente situada, mereceu a visita do Senhor Jesus depois do grande milagre da multiplicação dos pães e peixes.

E foi o berço de uma criança que ganhou o nome de Maria. A familiaridade do nome deve-se, talvez, mais a Miriã (Maria em Hebraico) do que propriamente, ao da mãe de Jesus. Acreditamos que ela tenha sido criada nesse lugar teve oportunidade de visitar centros maiores, como Tiberíades e Cafarnaum.<sup>86</sup>

No Evangelho segundo Mateus ela é mencionada diretamente duas vezes. Em Mt. 27,56, na cena da Crucificação, é a primeira a ser nomeada entre as mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galiléia, e em Mt. 28,1 no relato da ressurreição, ocasião em que Jesus aparece às mulheres e ordena, são novamente lembradas em primeiro lugar: “Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”.

Marcos se refere a ela quatro vezes. Na cena da crucificação, em Mc. 15,40-41, ela é mais uma vez identificada como parte do grupo de mulheres que seguiam a Jesus, desde a Galiléia e é citada também em primeiro lugar: “Estavam também ali

---

<sup>86</sup> TOGNINI, 2005, p 9-11; 18, 20; 25-27, 46.



algumas mulheres, observando de longe; entre elas Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé”. Um pouco mais à frente, em Mc 15,47, ela é apontada como testemunha do sepultamento. “Ora, Maria Madalena, e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto” O relato da ressurreição segundo o Evangelho de Marcos é o que dá mais importância a Madalena.

Portanto, ela é destacada duas vezes: em Mc 16,1, ela aparece indo comprar aromas com outras mulheres para embalsamar Jesus; e em Mc. 16,9 afirmam-se: “Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios”.

O Evangelho segundo Lucas faz alusões diretas e indiretas a Maria Madalena. Em Lc. 8,2-3 ela é mencionada como uma das mulheres que seguiam a Jesus; dela “Saíram sete demônios”; e, junto a outras mulheres, prestava assistência a Cristo com os seus bens.

Em Lc. 23, nos relatos da morte e sepultamento de Jesus, ela figura como uma das discípulas que o acompanhavam desde a Galiléia, primeiro assistindo a Crucificação e, depois, preparando aromas e bálsamos para ungir o corpo do Mestre.

Por fim, em Lc. 24,10 Madalena é a primeira a ser enumerada entre as mulheres que vão levar as boas novas da ressurreição: “Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos”.

E só no Evangelho segundo João que Madalena não é nomeada em primeiro lugar dentre aquelas que assistem a Crucificação de Jesus: “E junto à cruz estavam à mãe de Jesus, e a irmã dela, Maria, mulher de Cléopas, e Maria Madalena”. (Jo. 19,25).

Na segunda vez em que é citada, em Jo. 20,1 Madalena vai ao sepulcro de madrugada e encontra a pedra que fechava revolvida, indo avisar o acontecido a dois discípulos. Ou seja, ela é protagonista do relato presente em Jo. 20,11-18, quando, sozinha, chorando ao pé do túmulo, primeiro vê dois anjos e depois o próprio Jesus, que conversa com ela, dando-lhe autoridade para anunciar as boas Novas da Ressurreição.<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> SILVA et al., Andréia Cristina Lopes Frazão da. **Vida de Santa Maria Madalena**. Texto anônimo do século XIV, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Estudos Medievais. Rio de Janeiro, agosto de 2002. p. 9, 10.

Chego à conclusão que neste fato a mulher encontra o suporte necessário para a pregação do Evangelho adentrando em lugares até então reservados à cúpula masculina, onde Jesus autoriza Maria a pregar a maior mensagem de todos os tempos ao mundo – inclusive aos seus discípulos.

Segundo Wilma Tommaso<sup>88</sup> Maria Madalena pode se dizer, era de origem judaica, mas não foi definida como outras mulheres dos Evangelhos canônicos, ou seja, pela família, mas por sua cidade de origem. O fato que intriga, e que talvez tenha gerado ao longo desses dois milênios de cristianismo tantas hipóteses e construções fantasiosas sobre Maria Madalena, é que ela não aparece como filha, esposa ou irmã de nenhum homem. Essa independência feminina em uma sociedade dominada por homens tem intrigado muitos pesquisadores.

Qual a diferença entre uma mulher apresentada pelo seu pai, irmãos, família ou esposo e uma mulher independente? Qual a diferença entre uma mulher casada ou solteira?

Para saber o valor de uma mulher não há necessidade de intermediários, entretanto temos que nos dispor de um grande caráter que denuncie ou anuncie quem somos.

Maria Madalena era uma mulher de caráter desconhecido para o seu momento (tempo) por isso foi e é discutida através dos tempos, ela não aceitava o engessamento de uma sociedade sexista, que dita às regras e estas tem que serem cumpridas. Madalena queria ser reconhecida pela sua personalidade de mulher capaz e não por sombras masculinas ou familiares.

Todas as Marias que aparecem nos Evangelhos são reconhecidas por suas famílias: Maria mãe de Jesus; Maria de Cléofas; Maria irmã de Marta e de Lázaro. E Maria de Magdala? Madalena não é sobrenome, provinha de El-Mejdel, que era uma cidade a noroeste do lago da Galiléia, seis quilômetros ao norte de Tiberíades, lugar onde Madalena pode ter nascido.

Percebe-se nisto que Maria estava cansada dessa subordinação sobre as mulheres e dos maus tratos por elas aceitados. Maria tinha uma mente aberta e a mesma concepção do Apóstolo Paulo em Gálatas 3.28 que diz: “Não há judeu nem grego, nem macho nem fêmea, nem homem e nem mulher...”.

---

<sup>88</sup> TOMMASO, Wilma Steagall de. **Maria Madalena nos Textos Apócrifos e nas Seitas Gnósticas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006.

Maria era dotada de um espírito livre e voluntário e lutava por seu espaço, sendo visto que lutou e alcançou, e não só isso, mas abriu o caminho e a percepção para outras mulheres que desejam independência, Maria conquistou um exemplo extraordinário em que até o Mestre Jesus ao ressurgir no primeiro dia da semana apareceu primeiramente a ela dando-lhe a incumbência de anunciá-lo ressurreto à primeira mão. (Mc. 16.9-10).

Maria estava ali porque era livre, não concordava em viver debaixo do jugo de ninguém. Com isso podemos perceber que lutar por independência leva o homem e a mulher a cumprir em suas vidas o propósito do Mestre Jesus que veio ao mundo para libertar os humanos da ignorância.

É necessário ver que o povo que servi a Deus é um povo livre. Tendo a liberdade para servir ao Senhor não implica na pessoa ser “casado ou solteiro”, pois o Mestre chamou a todos, independente de sexo, raça, estado civil ou idade para servir sem impor condições civis.

Têm-se no Evangelho de Lucas a valorização das mulheres. O Dr. Lucas não se esquivou nem um pouco de mostrar a atuação de Madalena no movimento de Jesus com mulheres da alta sociedade, a exemplo podemos citar: Joana mulher de Cuza, procurador de Herodes, assim como Suzana, mulheres que foram curadas e libertas pelo Mestre estavam ali do seu lado servindo-as com seus recursos materiais, demonstrando-lhe gratidão e prazer pela sua companhia.

Maria Madalena que serviu e seguiu Jesus de Nazaré é a mulher mais citada nos Evangelhos Canônicos. Sua participação nos Evangelhos deu margem a que ela se tornasse um personagem híbrido, composto de mais duas mulheres. Esses fatos e os textos apócrifos onde ela aparece como a portadora do conhecimento (gnose), a companheira de Jesus, e outros atributos que causavam ciúme nos outros apóstolos, foram importantes para desenvolver a base do gnosticismo.

Essa seita se expandiu com muita intensidade e diversidade nos primeiros séculos do cristianismo. A Igreja combateu de forma rigorosa os gnósticos, que ela considerava hereges. É no meio de um embate como esse que teve seu fim no século IV, que Maria Madalena ainda hoje permite as mais diversas construções literárias.

Magdala ou Migdal foi uma cidade próspera ao final do período do segundo templo e foi também a cidade de Maria Madalena, a qual “seguiu e serviu a Jesus”.

O nome Madalena deriva, pois, do lugar de origem, a cidade de Magdala, do hebraico Migdal e do aramaico Magadala, que significa torre. Do alto da torre, Maria Madalena viu longe, com a acuidade de visão que se já constatou e serviu-lhe para escutar o sepulcro vazio. Ela tinha olhos para ver o que os outros homens e mulheres, confusos, não viam.

Pode-se dizer que Maria Madalena era de origem judaica, mas não foi definida como outras mulheres dos Evangelhos Canônicos, ou seja, pela família, mas por sua cidade origem. O fato que intriga, e que talvez tenha gerado ao longo desses dois milênios de cristianismo tantas hipóteses e construções fantasiosas sobre Maria Madalena, é que ela não aparece como filha, esposa ou irmã de nenhum homem. Essa independência feminina em uma sociedade dominada por homens tem intrigado muitos pesquisadores.

É no Evangelho de Lucas que Maria Madalena aparece como a mulher que seguia Jesus e de quem é expulso sete espíritos malignos. Há um aspecto interessante nessa passagem, pois não é um demônio, nem uma legião de demônios que são expulsos, porém sete: “Sete é o número da salvação e do que é divino”.<sup>89</sup>

É enfatizado que são também sete os pecados capitais: gula, luxúria, ira, orgulho, vaidade, preguiça e inveja. Se fizermos uma associação dos sete demônios expulsos por Jesus de Maria Madalena e dos sete pecados capitais, pode-se dizer que o que houve foi uma total libertação dessa mulher: aconteceu sua salvação integral, uma metanóia, não apenas uma conversão.

Pecado e possessão demoníaca eram coisas diferentes. Naquela época a possessão demoníaca era entendida essencialmente como uma enfermidade, não acentuava os aspectos morais, não era considerada como um pecado. Em uma interpretação mais literal, pode se dizer que aconteceu, naquele momento da expulsão dos sete demônios, não um simples arrependimento dos pecados, mas a imersão em uma vida autêntica e redimida; Maria Madalena emergiu de uma vida de escravidão para uma libertação.

Mas por que se associa Maria Madalena sempre a uma pecadora arrependida e não a uma mulher que foi reconciliada? Pois a Maria Madalena histórica, aquela que está nos quatro Evangelhos Canônicos, é testemunha do sacrifício, morte e

---

<sup>89</sup> LURKER apud TOMMASO, 2006. p. 81

ressurreição de Jesus; mulher que seguiu como discípula e serviu a Jesus de Nazaré.<sup>90.</sup>

[...] ela foi uma liderança apostólica nos primórdios do cristianismo. Infelizmente, parte da tradição cristã preferiu criar e difundir sua imagem como prostituta arrependida, para fazer dela um modelo de fé para aqueles que querem deixar a “vida impura” e seguir a Jesus. Os Evangelhos Canônicos não afirmam que Madalena era prostituta. Uma bela confusão foi feita entre as Marias que seguiam a Jesus e a prostituta de Lc 7,36-50, aquela que unge os pés de Jesus, o que resultou no arquétipo coletivo Madalena prostituta e redimida.<sup>91.</sup>

Tognini<sup>92</sup> traz respostas a seguinte pergunta: Quem era realmente esta mulher que durante décadas tem sido estudada por vários historiadores e teólogos? Fazendo uma alusão entre a Maria de Lucas 7 e a Maria de Lucas 8. Temos uma grande confusão na hermenêutica que diz respeito às Marias do Evangelho de Lucas.

- Em Lucas 7.37 é citada uma Maria que alguns a confundem com Madalena.
- Outros acham que Madalena é a mesma Maria mencionada em Lucas 10:38, portanto irmã de Marta e Lázaro.
- Outros acham ainda que Madalena era a pecadora mencionada em Lucas 7.

“Mas quem era mesmo Madalena”? Chegou à oportunidade para rasgar-lhe o caráter. E vamos fazê-lo pelos contrastes entre a pecadora de Lucas 7 e Madalena:

a) Lucas 7.36-50 descreve o encontro de uma mulher “pecadora” com Jesus: Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: “E eis que uma mulher pecadora que havia na cidade, quando soube que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo” (Lc 7.37). Esta “pecadora” do texto equivale à prostituta; o encontro dela com Jesus foi à casa de Simão, fariseu.

Tudo indica que era uma mulher jovem, bonita e, pelo perfume com que ungiu os pés de Jesus, possuía algum recurso. Apesar das bênçãos materiais que a

---

<sup>90</sup> TOMMASO, 2006, p. 82.

<sup>91</sup> FARIA Jacir de Freitas. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 12.

<sup>92</sup> TOGNINI, 2005 p. 11-13.

cercavam, era uma alma aflita e um coração queimado pelo pecado. Não passava de uma mulher de todo mundo, uma decaída, uma rameira.

- b) De Lucas 8, em contrapartida, é uma mulher rica, na companhia de gente da alta sociedade, uma mulher de bem.
- c) Em Lucas 7 não é conhecida pelo nome, a de Lucas 8 era Maria Madalena.
- d) Em Lucas 7, o encontro com Jesus deve ter sido em Cafarnaum, enquanto o de Lucas 8, nalgum ponto da Galiléia.
- e) A de Lucas 7 arcava sob o peso dos muitos pecados; a de Lucas 8 era apenas endemoninhada.
- f) A de Lucas 7 era mulher rejeitada (vemos isso na atitude de Simão, fariseu); a de Lucas 8 era uma mulher na companhia de outras mulheres cujo marido pertencia ao alto escalão do governo.
- g) A de Lucas 7 foi pedir algo a Jesus: perdão, salvação, paz, a de Lucas 8 “servia” a Jesus.
- h) A de Lucas 7 foi reprovada pelo fariseu; a de Lucas 8 aceita pelas companheiras, por Jesus e pelos doze.
- i) A de Lucas 7 foi perdoada; a de Lucas 8, libertada por Jesus.
- j) A de Lucas 7, uma vez perdoada, salva e em paz, desapareceu; a de Lucas 8 seguiu Jesus e continuou seguindo e servindo ao Filho de Deus.

Estes são relatos de mulheres que fizeram histórias e deixaram uma forte contribuição para as mulheres na atualidade. Essas são chamadas para exercer seus ministérios e proclamar libertação

### 3 O AMOR: UMA PRÁTICA INCLUSIVA

O homem com a sua personalidade deformada pela cultura patriarcal, tem sido por natureza egoísta, não conseguindo amar a mulher como ama a si mesmo.

Falar-se-á neste capítulo sobre a inclusão do amor a próxima que deve ser inserido na vida refletindo respeito pelo direito à igualdade dentre outros, no ministério e na igreja.

Nesse capítulo é abordado o conceito de amor a partir de Levinas, em diálogo com a hermenêutica feminista. Esse conceito em muito se aproxima da temática dessa pesquisa, pois refletir sobre o amor e o processo de inclusão são aspectos importantes para a teologia e feminista.

Tyrza Cardoso<sup>93</sup>, ao se referir ao conceito de amor em Levinas, afirma que uma ética da alteridade como a proposta por Levinas, vem ressignificar o conceito de amor mostrando que este deve ser entendido a partir da responsabilidade que assumo em relação à outra pessoa. Levando em consideração que o autor não concorda com a utilização do termo 'amor' que para ele é uma palavra gasta e ambígua, mas que também não nega que é importante ressaltarmos que para ele o amor ocorre na possibilidade humana de oferecer, em relação a si, prioridade à Outra e ao outro.

E quem é a próxima ou o próximo? Levinas<sup>94</sup> responderia que é aquele que se apresenta a mim e ultrapassa a idéia do Outro em mim. Rosto a que não se podem aderir significações, pois não é objeto do Eu.

A necessidade de estabelecimento de uma ética da alteridade se dá pela relação que se estabeleceu em nossa sociedade de negação da outra e do Outro. Vivemos num corpo social egocêntrico onde o Eu é posto acima do Outro e da outra, onde vale a satisfação dos desejos – compreensão helênica – mesmo que em detrimento das necessidades do Outro, e da Outra.

---

<sup>93</sup> CARDOSO, Tyrza Borges de Lima. **Comunhão e inclusão: A alteridade proposta pelo Reino de Deus, uma exegese em Lucas 14:15-24.** Monografia de Bacharelado. Seminário Teológico Batista do Nordeste. Feira de Santana, 2009, p. 27.

<sup>94</sup> LEVINAS apud FRANÇA, Miquéias Costa. **O Conceito de Rosto como Critério Ético no Pensamento de Emmanuel Levinas.** Artigo apresentado à Faculdade São Bento. Salvador, 2007. Não publicado. p. 5.

Levinas<sup>95</sup> percebeu em seus estudos que o pensamento ocidental, a partir da filosofia grega, desenvolveu-se como discurso de dominação. Valorizou-se a unificação, a globalização e desprezou-se a diversidade, entendida como abertura para o Outro e a outra.

E tudo isso podemos dizer tranquilamente tem como ponto de partida o solipsismo, que, para a Filosofia, se relaciona com a idéia de que a única realidade no mundo é o Eu, e que por isso é somente ele que forma a realidade. As conseqüências dessas atitudes de negação do Outro são o agravo da violência, o consumismo e a intensa competitividade nos meios de trabalho e educação. Seria o egocentrismo ditando as regras da convivência humana.

Levinas<sup>96</sup> vai nos dizer que “o terrorismo não se funda no amor do distante, mas no temor da **próxima** e do próximo, e seu aniquilamento em converter seu fascínio pelo próximo que ele procura destruir, em amor pelo distante”. (grifo meu)

Mesmo que pareça uma sentença final é importante deixar claro que não há uma solução imediata para essas questões. O Eu não quer se abrir em diálogo com a Outra e o outro pelo simples fato de que para tanto ele precisará se expor, tornar-se vulnerável. Por isso, essa abertura ao diálogo é um esforço contínuo de aproximação a Outra e o outro.

Isabel Baptista nos diz o seguinte: "A abertura da consciência, enquanto atitude de aceitação e recepção, não tem que ser paralisante, pelo contrário, ela funciona como condição necessária de uma pessoa radicalmente crítica, criativa e ativa"<sup>97</sup> ou seja, só se abre à Outra e ao outro aquela e aquele que é capaz de lidar com as incertezas do mundo contemporâneo e com as suas imprevisibilidades. Nesse sentido, Derrida<sup>98</sup> lembra que a ética da alteridade é uma ética da instabilidade e do movimento e, como tal, uma ética da fecundidade.

Cabe especificar que Derrida<sup>99</sup>, contemporâneo de Levinas busca estabelecer uma ética da hospitalidade, seguindo a mesma linha de pensamento de seu colega. Ele apresenta uma responsabilidade da subjetividade que, podendo escolher o isolamento, opta pelas práticas de acolhimento que impelem o ser para além do ser.

---

<sup>95</sup> LEVINAS apud CARDOSO, 2009, p. 28.

<sup>96</sup> LEVINAS apud CARDOSO, 2009, p. 28.

<sup>97</sup> BAPTISTA, Isabel. **Para uma geografia de proximidade humana**. 2008, p. 6.

<http://www.ibaptista.com/download/proximidadehumana.polif>; <ibaptista@porto.ucp.pt>. Acesso em 20 de setembro de 2010 à 14:36, p.6.

<sup>98</sup> DERRIDA apud LEVINAS, 2007, p.6.

<sup>99</sup> DERRIDA apud LEVINAS, 2007, p.6



Nesse particular, lembro-me da ética presente nas vivências de Jesus, que se abre a Outra e ao outro, se faz pobre com os pobres e simples com os simples e acolhendo a Outra e ao outro independente de quem seja: escravo, mulher, homem, estrangeiro ou publicano, no intuito de acolher.

A proposta de uma ética da alteridade deve nos tocar primeiramente, pois somos cristãos e cristãs e, como tal, devemos seguir o exemplo de Cristo. O próprio Martin Lutero já afirmava isso no Tratado Acerca da Liberdade Cristã, que publicara em 1520, considerando que a pessoa cristã não vive em si mesma, mas em Cristo e em sua próxima e seu próximo, ou então não pode ser cristã.

A preposição 'em' Cristo na proposta de Martin Lutero<sup>100</sup> nos dá a idéia de que o cristão só pode sê-lo em Cristo na relação com a próxima e o próximo. Ou como diria Levinas<sup>101</sup>, uma pessoa só passa a ser humana ao se completar na próxima e no próximo. É na relação pessoal, do Eu a Outra e o outro, que o 'acontecimento' ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima o ser.

Portanto, uma ética da alteridade ultrapassa o desejo de suprir as necessidades da Outra e do outro, eleva a pessoa a estatura de ser humano. O Eu encontra na Outra e no outro a possibilidade de uma dignificação, a possibilidade de se alçar para além de si mesmo e se encontrar na Outra e no outro.

Levinas<sup>102</sup> ainda enfatiza que: "a humanidade da consciência não está absolutamente nos seus poderes, mas na sua responsabilidade. Na passividade, no acolhimento, na obrigação a respeito de outrem: é a Outra e o outro que é primeiro." Esse é o exercício de amor à próxima e ao próximo.

### 3.1 A DIGNIDADE HUMANA

Estabelecido em meio a Segunda Grande Guerra, Levinas<sup>103</sup> constrói uma ética que possibilita a devolução da dignidade ao Eu, perdida em meio à barbárie que se dá na medida em que o Eu nega ao apelo do rosto da Outra e do outro,

---

<sup>100</sup> Reformador protestante do século XVI.

<sup>101</sup> LEVINAS apud CARDOSO, 2009, p. 29.

<sup>102</sup> LEVINAS apud CARDOSO, 2009, p. 29.

<sup>103</sup> LEVINAS apud CARDOSO, 2009, p. 30.

matando-o socialmente, emocionalmente e fisicamente. Esse ato de negação tira das pessoas seus direitos, sua liberdade, sua nobreza.

Uma busca pela dignificação do Eu se dá na relação de responsabilidade com a Outra e com o outro. É preciso ter em mente que não se nega o Eu, antes procura restaurar o sentido último de sua existência. “O Eu diante da Outra e do outro é infinitamente responsável.”<sup>104</sup>

E somente uma postura de irresponsabilidade pode mudar essa realidade. Pensando que o Eu não pode esquivar-se dessa responsabilidade e nem ser substituído por outra ou por outro dessa mesma. Levinas afirma:

*Ser Eu significa, a partir daí, não se poder furtar à responsabilidade, como se todo o edifício da criação repousasse sobre meus ombros. Mas a responsabilidade que esvazia o Eu de seu imperialismo e de seu egoísmo - seja ela egoísmo da salvação - não o transforma em momento da ordem universal, porém confirma a unicidade do Eu. A unicidade do Eu é o fato de que ninguém pode responder em meu lugar.<sup>105</sup>*

O Eu só alcança sua dignificação quando se abre a Outra pessoa. É nesse exercício de abertura que o Eu recebe uma nova significação. Passa a participar de uma comensalidade onde o Eu procura suprir as necessidades do Outro na mesma proporção que atenta para suprir as suas. A proposta da ética da alteridade é que amando a próxima e ao próximo pode-se alcançar ou resgatar o respeito-próprio, a dignidade. Quando se nega a Outra e ao outro não é somente ela e ele que se mata, mas também a nós mesmos perdendo a possibilidade de serem seres humanos. É nesse contexto que a ética levinasiana da alteridade abre a possibilidade de uma regeneração, de uma salvação, de uma dignificação do Eu.

Sendo assim, para que o Eu se torne mais ético e assim tenha lugar nessa não compreensão saudável do ser, é necessário que haja uma práxis responsável, uma práxis de amor, uma atitude de comprometimento, não em si destacando seus sofrimentos e ao mesmo tempo suprimindo-os considerando-o uma extensão do meu Eu. A pessoa transcende no Outro e nela encontra Deus. Assim, o relacionamento Eu-Outra, Eu-Outro inicia a mais bela passagem da pessoa na ponte do sagrado!

<sup>104</sup> LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 52.

<sup>105</sup> LEVINAS, 1993, p. 53.

### 3.1.1 HOMEM E MULHER LÍDERES E SERES PENSANTES

“Pensar não é uma opção do homem; pensar é o destino do homem; pensar é uma inevitabilidade”.<sup>106</sup> Essa é de fato uma realidade que as pessoas não podem negar. O pensamento faz parte da vida e deve ser exercitado com naturalidade.

As líderes e os líderes no uso de seus pensamentos devem procurar pensar bem. Pascal citado por Morin<sup>107</sup> diz: “trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral”. Em outras palavras, para que a líder e o líder não se torne carrasco de si mesmos, ela e ele devem procurar pensar de maneira correta para um bom desempenho de sua atividade e, conseqüentemente o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

A frase nos mostra que a ligação entre o saber e o dever é a renovação do pensamento.

É bem mais fácil não refletir, não reciclar não resinificar, não melhorar o pensamento, do que se posicionar contra essa postura, porque essa conduta leva a um autoritarismo e ao controle da vida das pessoas lideradas; o pensamento da líder e do líder estará engessado em seus fundamentos.

Genilson Nascimento acrescenta que o autor nos indica para um exercício da liderança salutar, é importante que se instale na vida da líder e do líder o que ele chama de “caso intelectual”. Concorda-se com ele quando diz que o caos intelectual representa uma profunda revisão dos parâmetros do conhecimento, dos referenciais e dos paradigmas socioculturais arquivados na memória.<sup>108</sup>

Uma pessoa que tem uma postura intelectual autoritária agride e fere os direitos da alteridade, porém, antes disso, ela fere seu próprio direito de ser livre, de pensar com liberdade. Desta forma, toda pessoa agressiva é auto-agressiva.<sup>109</sup>

O pensamento/conhecimento é uma luta constante para que a cegueira e a ilusão não tomem conta da vida das pessoas. Portanto, a líder e o líder como seres pensantes, devem buscar e trabalhar pensar bem para que sua vida seja marcada pela compreensão de si mesmo, da outro e do outro, da criação e de Deus.

---

<sup>106</sup> CURY apud NASCIMENTO, Genilson Marcelino do. **Contribuições de Augusto Cury e suas intuições para o exercício da liderança cristã**. Monografia de Bacharelado. Seminário Teológico Batista do Nordeste. Feira de Santana, 2009, p. 18.

<sup>107</sup> MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 60.

<sup>108</sup> NASCIMENTO, 2009, p. 18.

<sup>109</sup> CURY, 2006 p. 46.

Cury<sup>110</sup> aponta caminhos que são importantes no combate ao autoritarismo nas relações humanas. Ele chama de antídotos multifocais:

*Compreender que a democracia dos ideais é uma inevitabilidade; b) respeitar o ser humano na sua integralidade; c) considerá-lo capaz de pensar e escolher os seus próprios caminhos; d) estimular a revolução das idéias que ocorre na sua mente e procurar contribuir para que ela seja redirecionada para desenvolver a revolução do humanismo, da cidadania e da capacidade crítica de pensar.*<sup>111</sup>

Uma líder e um líder que deseja ser relevante para seus liderados e para a comunidade em que está inserido deve, de fato, ser uma pensadora e um pensador. Nos dias atuais encontramos pessoas e líderes que apenas repetem os modelos vigentes e acreditam que essa postura é a única existente, ou então não querem ter o trabalho de buscar a melhoria para suas vidas através do crescimento pessoal que desafia e desestabiliza o status quo.

Cury<sup>112</sup> ressalta que uma boa pensadora e um bom pensador, do meu ponto de vista, não é apenas alguém que produz uma teoria eloquente, com brilhantismo literário, mas principalmente, aquele que recicla criticamente os procedimentos que utiliza o conhecimento que produz (postulados, hipóteses, sistema de conceitos), bem como o que procura colocar à prova as derivações da sua teoria e, mais ainda o que investiga e indaga os limites, o alcance, a lógica, a validade e a práxis da sua própria teoria. Enfim, uma boa pensadora e um bom pensador são “eternos” insatisfeito com a teoria que produz um “eterno” aprendiz, é uma “eterna” gestante de idéias.

Enfim, a prática do amor é necessária para que haja uma ética de alteridade dentro de uma dignificação do eu. Esta é uma das propostas da hermenêutica feminista, pois onde há amor, há seres interagindo com igualdade, respeito, aceitação, confiança, maturidade e equilíbrio.

---

<sup>110</sup> CURY, 2006, p. 64.

<sup>111</sup> CURY, 2006, p. 52.

<sup>112</sup> CURY, 2006 p. 67.

## CONCLUSÃO

Neste lugar deveria decorrer uma conclusão, mas conclusão muitas vezes fecha a discussão e eu não pretendo fecha-la, mas abrir um novo horizonte de pensamentos e debates em relação à mulher na Igreja. É costume dizer: olhamos para o nosso próximo com os olhos que queremos. Querer olhar para a mulher como Pastora é abrir a Bíblia para uma leitura desprovida de acheologias e preconceitos, deixando os olhos, ouvidos e coração bem abertos, mesmo que isso signifique quebrar paradigmas envelhecidos.

Percebe-se no decorrer desses escritos, as diversas influências femininas, destacando a de Maria Madalena por receber a ordem diretamente do mestre, delegando a mulher a pregar o Evangelho,

Enfim, muitas produziram contribuições significativas para a época, tais como Febe, Lídia, Priscila, as “Marias”, entre outras, mostrando sua capacidade de testemunhar e falar do Cristo ressurreto em uma sociedade sexista e patriarcal.

“A Bíblia é como a vida, está sempre aberta para nos ensinar algo novo, pois ela contém “Boas Novas”<sup>113</sup>

Esta leitura que fizemos a respeito da mulher nos abriu um leque de compreensão dos esforços sem medida de mulheres que atenderam o chamado de Deus.

Os textos das Escrituras que fazem menção às mulheres piedosas estão impregnados de dignidade e propósito.

Osdol citando Tamez<sup>114</sup> diz que a participação das mulheres nas sagradas escrituras sempre foi bastante significativa, pois as mesmas tinham um papel muito ativo e importante nas comunidades cristãs, elas pregavam, debatiam batizavam, etc.

Em relação à hermenêutica feminista chega-se a conclusão que o texto trás um sentido Para quem o ler. Todo texto é tendencioso, especialmente os textos já analisados por interpretações conservadoras e opressoras e dentro deste contexto espera-se uma nova hermenêutica a partir de uma leitura feminista.

---

<sup>113</sup> SOUSA, 2000, p. 96.

<sup>114</sup> TAMEZ apud OSDOL, 2008, p. 62.

Ao longo da história de homens e mulheres neste mundo, fica evidente nas análises de documentação, que as relações de gênero são assimétrica, desigual e que as mulheres foram invisibilizadas e amordaçadas por uma sociedade androcêntrica e sexista.

Na maioria das religiões a mulher tem sido tratada como um ser inferior, ou como uma ameaça capaz de desviar a classe masculina dos caminhos que os levam a um estado de superioridade religiosa.

As grandes religiões atuais são baseadas em figuras masculinas tanto em suas divindades quanto em seus representantes.

A mulher no âmbito religioso não é para ser subjugada, pois a religião foi criada para expressar a vida, então vale lembrar que todo projeto de vida vem de dentro da mulher.

A hermenêutica feminista parte do questionamento da realidade analisando o antigo discurso e possibilitando outras leituras dos textos permitindo assim um novo discurso teológico e libertador.

Há uma expectativa por uma realidade de justiça, por uma aceitação geral, isso faz parte da nossa luta, talvez uma resignificação às representações culturais sobre a mulher e sobre o gênero na sociedade venha contribuir para a libertação da mulher em busca do seu espaço na igreja e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Tradução do texto em Língua Portuguesa diretamente dos originais**. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985.

BALDOCK, John. **Mulheres na Bíblia**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009. 256p.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. CPAD, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia da Liderança Cristã**. Tradução de The Maxwell Leadership Bible. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1333p.

BÍBLIA DO ESTUDO DO EVANGELISTA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2002.

BLVD, N. San Fernando. **O Cajado do Pastor**. World Map, 1995, edição português, 1998, Reprint 3 – november 2006, Seção C9, 101 p.

CARDOSO, Tyrza Borges de Lima. **Comunhão e inclusão: A alteridade proposta pelo Reino de Deus, uma exegese em Lucas 14:15-24**. Monografia de Bacharelado. Seminário Teológico Batista do Nordeste. Feira de Santana, 2009, 40 p.

COSTA, Suely Gomes. **Movimentos feministas, feminismos**. *Rev. Estud. Fem.*. 2004, vol.12, n.spe, p. 28.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a03v12ns.pdf>. Acessado em 23 de abril de 2009.

CUNHA, Júlio Cesar Almeida da. **Teologia Feminista e Ecologia: Uma abordagem do ecofeminismo de Ivone Gebara.** Monografia de Bacharelado. Seminário Teológico Batista do Nordeste. Feira de Santana, 2010, 55 p.

CURY, Augusto Jorge. **Inteligência multifocal.** São Paulo: Cultrix, 1999. 344p.

DANTAS, Maria das Graças. **O ministério das mulheres.** Monografia de Bacharelado. CETAD – Centro Educacional e Teológico da Assembleia de Deus. Feira de Santana, 2008, 109p.

DEIFELT et al. WANDA. **À flor da pele.** Ensaio sobre gênero e corporeidade. SÃO LEOPOLDO, RS: SINODAL: CEBÍ, 2004. 318 p.

DEIFELT et al. WANDA. **Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas.** São Paulo. SINODAL. PAULINAS, 2003. 312 p

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** *Estud. Avançados.* 2003, vol.17, n.49, p.152. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acessado em 23 de agosto de 2010.

EISENBERG, Josy. **A Mulher no Tempo da Bíblia: Enfoque Histórico-Sociológico.** São Paulo, SP: Paulinas, 1998. 410p.

FARIA, Jacir de Freitas. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 190p.

FIOREZA, Elisabeth Schissler. **As Origens Cristãs a Partir da Mulher: Uma Nova Hermenêutica.** São Paulo: Paulinas, 1992, 400p.



GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silencio** – Uma Fenomenologia Feminista do Mal. Petrópolis: Vozes, 2000, 261p.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Paulinas, 2000. 112p.

GEBARA, Ivone. **As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade**. São Paulo: Brasiliense, 2005. 245p.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 64p.

GEBARA, Ivone. **Vida religiosa: da teologia patriarcal à teologia feminista, um desafio para o futuro**. São Paulo: Paulinas, 1984, 195p.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997. 136p.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 517p.

JORNAL TRIBUNA EVANGÉLICA, n.o 12, vol 3, Feira de Santana, 2005.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós ensaios sobre alteridade**.. 3. ed. Petrópolis: vozes, 2004. 302p.

LEVINAS, Emmanuel. **O conceito de rosto como critério ético no pensamento de Emmanuel Levinas**. Artigo apresentado à faculdade São Bento. Salvador: 2007. não publicado. 65p.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 131p.

MAGDALA, Mirian de. **O Evangelho de Maria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. 188p.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005. 222p.

MUSSKOPF, André S; STROHER, Marga J. **Corporeidade, etnia e masculinidade**. Reflexões do congresso latino americano de gênero e religião. São Leopoldo, Sinodal, 2005, 155p.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>. Acessado em agosto de 2010.

NASCIMENTO, Genilson Marcelino do. **Contribuições de Augusto Cury e suas intuições para o exercício da liderança cristã**. Monografia de Bacharelado. Seminário Teológico Batista do Nordeste. Feira de Santana, 2009, 46 p.

OSDOL, Judite van. **As mulheres e a graça**. São Leopoldo, Quito: Clai, 2008, 71p.

REVISTA IGREJA. Edição nº 5. Agosto/Setembro, Atibaia-SP, 2006, 98p. [www.revistaigreja.com.br](http://www.revistaigreja.com.br).

ROSSINHOLLI, Dinamar Reis. **A mulher fazendo Teologia**. Monografia de Bacharelado. Feira de Santana, 2007, 102p.

SARTI, Cynthia A. **Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro.** *Cad. Pagu.* 2001, n.16, pp. 36. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>. Acessado em 23 de agosto de 2010.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. vol.16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. Disponível em [http://www.artigos.netsaber.com.br/.../artigo\\_sobre\\_diferencas\\_de\\_genero\\_na\\_escola\\_interiorizacao\\_do\\_masculino\\_e\\_do\\_feminino](http://www.artigos.netsaber.com.br/.../artigo_sobre_diferencas_de_genero_na_escola_interiorizacao_do_masculino_e_do_feminino).

SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002. Disponível em [http://coletivofeminista.blogspot.com/2008/03/feminismo\\_dilemas\\_velhos\\_e\\_novos\\_uma.html](http://coletivofeminista.blogspot.com/2008/03/feminismo_dilemas_velhos_e_novos_uma.html).

SILVA et al., Andréia Cristina Lopes Frazão da; **Vida de Santa Maria Madalena.** Texto anônimo do século XIV, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Estudos Medievais. Rio de Janeiro, agosto de 2002. 56p.

SOUSA, Ágabo Borges. **Epistêmê.** Feira de Santana (BA): Seminário Teológico Batista do Nordeste, 2000, 96p.

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus.** São Leopoldo (RS): Sinodal, 2004, 102p.

TOGNINI, Enéas. **Maria Madalena.** São Paulo: Bompastor, 2005, 120p.

TOMMASO, Wilma Steagall de. **Maria Madalena nos Textos Apócrifos e nas Seitas Gnósticas.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006. 94p.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. **Uma Voz Paradoxal:** A visibilização do conflito de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos oitenta através do livro *Centelha em Restolho Seco* de Betty Antunes de Oliveira. São Paulo, 2008. Disponível em <http://www.metodista.br/ppc/netmal-in-revista/netmal02/uma-voz-paradoxal-a-visibilizacao-do-conflito-de-genero-e-poder-na-convencao-batista-brasileira-dos-anos-oitenta-atraves-do-livro-centelha-em-restolho-seco-de-betty-antunes-de-oliveira#id40>. Acessado em agosto de 2010.